

PROCESSO TÉCNICO N.º 264/67



M.E.C. — I.N.E.P.

M.116

CRPE/SP

PROCESSO TÉCNICO N.º 264/67

Fls. 1

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
SÃO PAULO

INTERESSADO: SRAV

CLASSIFICAÇÃO: TÉCNICO

ASSUNTO: II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA
À EDUCAÇÃO

DATA: 5/7/67

269
68
70

São Paulo, 18 de dezembro de 1967

Nº 4853/67

Senhora Coordenadora

De ordem, tenho o prazer de encaminhar a V.Sª cópia do relatório do II Curso de Comunicação Cinematográfica, Aplicada à Educação, que se realizou de 21 de agosto a 13 de dezembro de 1967 neste Centro.

Sem mais, apresento a V.Sª os protestos de minha distinta consideração.


Zita P. Kubinszky

Chefe dos Serviços de Secretaria

A Ilma. Sra.

Da. Alayde Eyer Pimenta da Cunha

DB. Coordenadora dos Cursos do INEP

Rua da Imprensa, 16 - 10º andar

Rio de Janeiro - Gb.

ZK/lr

CRPE - 1963
 Nº 12/63
 12/12/63
 12/12/63

São Paulo, 8 de Setembro de 1963

Despacho do Sr. Diretor:
 Encaminhe-se ao INEP.

Prof. José Aurino Ribeiro
 Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho"

S.P. 12/12/63
 J. S. R.

Procedimentos
 12/12/63

Os petiçãoários abaixo assinados, bolsistas do II Curso de Comunicação Cinematográfica, realizado pelo Serviço de Recursos Audiovisuais do CRPE "Prof. Queiroz Filho",

Considerando que os documentos transmitidos pelo referido Curso, ora em fase de conclusão, representam valiosa contribuição à formação cultural e profissional dos alunos que vêm frequentando,

Considerando que os mesmos alunos estão seriamente interessados no aperfeiçoamento dos estudos agora realizados, principalmente no aprimoramento de técnicas de elaboração de roteiros e filmagens próprias,

Considerando, finalmente, que os interessados são, na grande maioria, educadores que objetivam servir-se do aprendizado adquirido no trabalho que está realizando no campo da Educação,

Vem, na presença de V. Sa., para solicitar seja autorizada a participação, em 1963, do curso atual, através da ministração de alguns alunos, nas aulas integradas ao currículo oficial, com o objetivo de, através da complementação dos estudos agora realizados, possibilitar a realização de melhores trabalhos sobre a área de cinema educativo, a elaboração de argumentos e roteiros, bem como a aquisição de conhecimentos, in-

clusive, serem seleccionados alguns para immediata filmagem, tendo em vista, igualmente, o aperfeiçoamento desta última técnica.

Antecipando agradecimentos pela atenção que fôr dispensada ao pedido supra, usam do ensejo para apresentar a V. Sa. e à digna Coordenação do II Curso os protestos de estima e consideração.

Atenciosas Saudações

Ass.-

37 assinaturas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo, 18 de dezembro de 1967
C. Of. 4847/67 SRAV - 112

Senhor Secretário ,

Solicitamos a V.S. o obséquio de encaminhar o relatório anexo à Direção do CRPE "Prof. Queiroz Filho", para apreciação.

Na oportunidade , apresentamos a V.S. , protestos de estima e -
consideração.

Leônia da F. Fernandes
Leônia da F. Fernandes
Assistente de Coordenação
do II CCCAE

Exma. Sra.
D. Zita P. Kubinszky
Secretário Geral do CRPE



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA À EDUCAÇÃO

São Paulo, 18 de dezembro de 1967
C. Of. 4846 /67 SRAV - 113

Senhor Diretor

Tenho a honra de encaminhar a V.S., o relatório final do II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA À EDUCAÇÃO no período de 21 de agosto a 13 de dezembro de 1967.

Faço saber a V.S. que uma das cópias desse relatório deverá ser enviada à Dna. Alayde Eyer Pimenta Cunha, Coordenadora dos Cursos do INEP, no Rio de Janeiro.

Na oportunidade, apresento os protestos de estima e consideração.

*De acordo.
Encaminhado a
M. 18/12/67*

Chicralla Haidar

Chicralla Haidar
Coordenador do II CCCAE.

Encaminhado à Coordenação dos Cursos do INEP em 18/12/67, pelo of. nº 4853/67.

Ilmo. Sr.
Prof. J. Querino Ribeiro
DD. Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho"
São Paulo.

Arquivado

*Arquivado
18/12/67*



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

R E L A T Ó R I O F I N A L

Realizou-se, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" de São Paulo, nas instalações do Serviço de Recursos - Audio Visuais, o II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação, no período de 21 de agosto a 13 de dezembro de 1967, com um total de 36 horas-aula (18 aulas semanais) para cada uma das duas turmas que, nesse semestre, compuzeram o Curso.

As aulas cobriram os seguintes tópicos: A Comunicação. A Comunicação Cinematográfica. O cinema como indústria. O cinema como técnica. O cinema como arte. O cinema educativo. Roteiro cinematográfico: como escrevê-lo. Exercícios práticos de escrita de roteiro. Argumento cinematográfico: como escrevê-lo. Exercícios práticos de escrita de argumento. Diferenças entre o roteiro cinematográfico e o argumento cinematográfico. Exemplos de roteiros e de argumentos. Comentários em classe, sobre os exercícios feitos pelos alunos. Noções de Cinematografia - as câmaras cinematográficas - as lentes - o filme - a filmagem - a montagem do copião e do negativo - sonorização e cópia final. O laboratório de revelação e cópia. Problemas relacionados com a produção cinematográfica e soluções baseadas na prática.

Os alunos visitaram o Laboratório Líder de revelação e cópia de filmes e tiveram durante a visita amplas explicações sobre o funcionamento do mesmo.

Foram exibidos e comentados em classe os seguintes filmes: "Piro-lito, o valentão"; "O colar do mergulhão"; "Chamada para o almoço"; "Unique contribution"; "Escola dos nossos dias"; "Puede ser aftosa"; "Técnicas básicas para a aplicação de Injeções intramusculares"; "Luz é onda"; "City of gold"; "Time out of war"; "The river"; e alguns filmes produzidos por alunos do Curso anterior, o I CCCAE: "Fábula", um filme de 8mm. premiado num concurso de filmes amadores; "Brasil-tipoexportação", um filme de 16 mm.

Durante o Curso pretendeu-se dar aos alunos uma visão objetiva do que seja a linguagem cinematográfica e seus elementos fundamentais. O objetivo do Curso, que era -familiarizar o professor com a arte e a técnica da produção cinematográfica com a intenção de ensinar-lhe a expressar-se e a comunicar-se por meio do filme cinematográfico - foi, parece-nos, plenamente atingido.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



34
RJ

- 2 -

O interesse de vários alunos já os levou a buscar condições para a produção de filmes , havendo já contatos promissores para futuras produções.

Ao ensejo da entrega dos atestados de conclusão do II CCCAE, realizada sob a presidência do Diretor do CRPE de São Paulo, Prof. José Queri no Ribeiro , chegou-nos às mãos um abaixo assinado , cujo teor poderá ser examinado na cópia em anexo.

Anexos também serão encontradas cópias de tôdas as apostilas distribuídas no Curso e cópias dos exercícios passados aos alunos, bem como - lista de aproveitamento e de porcentagem de frequência dos mesmos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



- 3 -

PORCENTAGEM DE FREQUÊNCIA E APROVEITAMENTO DOS ALUNOS
DO GRUPO A (segundas feiras)

| | | |
|--------------------------------------|-----------|-----------|
| 1- Aurora Vicente Rico | 100% | Muito Bom |
| 2- Chizuo Osava | Eliminado | |
| 3- Cláudio Furlan Barsotti | 100% | Muito Bom |
| 4- Deoni Bressan | 100% | Muito Bom |
| 5- Dinah Baptista | 100% | Muito Bom |
| 6-Dirce Almeida Costa | 100% | Muito Bom |
| 7- Edgard Silveira Bueno Filho | 80% | Bom |
| 8- Francisco Onofre Matias | 80% | Regular |
| 9- Gentil Vian | 100% | Bom |
| 10- Helena Rocha de Achôa | 100% | Muito Bom |
| 11- Hermínio Domiciano da Encarnação | 100% | Regular |
| 12- Homero Pimentel | 80% | Muito Bom |
| 13- Irmã Maria Daniela | 90% | Bom |
| 14- Irmã Maria Luiza | 90% | Bom |
| 15- Irmã Hilda Rosa | 90% | Muito Bom |
| 16- Irene Duenhas | 90% | Bom |
| 17- Joana D'Arc L. Xavier | 100% | Muito Bom |
| 18- Joaquim Alberto Cardoso de Melo | 80% | Bom |
| 19- José Augusto Dias | Eliminado | |
| 20- José Carlos Perri | 90% | Muito Bom |
| 21- Lety Molina | 100% | Muito Bom |
| 22- Lilia Elvira Ida Ana Anau | 90% | Muito Bom |
| 23- Lourdes Costa Pires | 90% | Muito Bom |
| 24- Maiza Vicentina Rando Hernandez | 90% | Muito Bom |
| 25- Maria Antonia da Cruz Costa | 80% | Bom |
| 26- Maria Aparecida Leme | 100% | Muito Bom |
| 27- Maria de Lourdes F.W. Martz | 90% | Bom |
| 28- Maria de Lourdes Pires Mariotto | 90% | Bom |
| 29- Marlene Kasman | 100% | Bom |
| 30- Martin Martz | 90% | Muito Bom |
| 31- Nair de Almeida | 90% | Bom |
| 32- Neide de Castro | 80% | Muito Bom |
| 33- Nelson Diniz Ribeiro | 90% | Muito Bom |



| | | |
|--------------------------------|-----------|-----------|
| 34- Paulo da Costa Santos | Eliminado | |
| 35- Rosa Tedeschi V. M. Vieira | 80% | Bom |
| 36- Ruth Sandoval Marcondes | 80% | Muito Bom |
| 37- Sueli Rando Hernandes | 80% | Bom |
| 38- Victor Wittacker de Moraes | 80% | Regular |
| 39- Waldyr Agenor Brambilla | 90% | Bom |

PORCENTAGEM DE FREQUÊNCIA E APROVEITAMENTO DOS ALUNOS
DO GRUPO B (terças feiras)

| | | |
|-------------------------------------|-----------|-----------|
| 1- Amantinã Rebelatto | 100% | Muito Bom |
| 2- Ana Maria M.C. Marangoni | Eliminado | |
| 3- Anastase Potaris | 100% | Muito Bom |
| 4- Antonio Caneiro | 80% | Regular |
| 5- Antonio Sacchelli Netto | 100% | Muito Bom |
| 6- Ary R. Carvalho | 90% | Muito Bom |
| 7- Assis Levy Bergamaschi | 100% | Muito Bom |
| 8- Célia Narciso Gomes | 100% | Muito Bom |
| 9- Carlos Ferraro | 100% | Bom |
| 10- Claudette Barriguella Junqueira | Eliminada | |
| 11- Deloá Dilva Schneckenberg | 100% | Bom |
| 12- Diva Beltrão de Medeiros | Eliminada | |
| 13- Elsa Minorelli de Azevedo | Eliminada | |
| 14- Geo Arruda | 80% | Bom |
| 15- Gilberto Amalfi | 80% | Bom |
| 16- Heron D'Avila | 100% | Bom |
| 17- José Antonio da Fonseca Borba | 100% | Bom |
| 18- José Gomes Ferreira | 100% | Bom |
| 19- Judith Villares | 80% | Regular |
| 20- Márcia Bizarro | Eliminada | |
| 21- Maria da Penha A. Pereira | Eliminada | |
| 22- Nélcia Fernanda Balloni Gomes | Eliminada | |
| 23- Quintino Gabriel Junqueira | Eliminado | |
| 24- Rubens Moysés de Azevedo | Eliminado | |
| 25- Samir Emilio Yamin | Eliminado | |
| 26- Sérgio Benzini Albertini | 80% | Muito Bom |
| 27- Sérgio G. A. Sgambati | Eliminado | |
| 28- Thales Salgado Gões | 100% | Muito Bom |

Observação: Os alunos eliminados o foram por faltas excessivas às aulas.

São Paulo, 3 de dezembro de 1967

37
902

Prezado Senhor
Professor José Querino Ribeiro
DP, Diretor de CRPE "Prof. Queiroz Filho"

Os peticionários abaixo assinados, bolsistas do II Curso de Comunicação Cinematográfica aliada à Educação, realizado pelo Serviço de Recursos Audiovisuais de CRPE "Prof. Queiroz Filho",

Considerando que os conhecimentos transmitidos pelo referido Curso, ora em fase de conclusão, representam valiosa contribuição à formação cultural e profissional dos alunos que o vêm frequentando,

Considerando que os mesmos alunos estão seriamente interessados no aperfeiçoamento dos estudos agora realizados, principalmente no aprimoramento da técnica de elaboração de roteiros e filmagem dos mesmos,

Considerando, finalmente, que os interessados são, na grande maioria, educadores que objetivam servir-se de aprendizados em benefício do trabalho que estão realizando no campo da Educação,

Vem à presença de V. Sa. para solicitar seja autorizada a prerrogativa, em 1968, do curso atual, através da ministração de mais algumas aulas, que seriam integradas ao currículo original, com o objetivo de, através da complementação dos estudos agora realizados, possibilitar a realização de melhores trabalhos sobre a área de cinema educativo, a elaboração de argumentos e roteiros mais aperfeiçoados, dentre os quais poderiam, in-

38
92

clusive, serem selecionadas algumas para imediata filmagem, tendo em vista, igualmente, o aperfeiçoamento desta última técnica.

Antecipando agradecimentos pela atenção que for dispensada ao pedido supra, usam do ensejo para apresentar a V. Sa. e à signa Coordenação do II Curso os protestos de estima e consideração.

Atenciosas Saudações

Ass.º

57
002

MEC - INEP

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

"PROF. QUEIROZ FILHO"

FILME - OBRA DE AUTOR?

Prof. Chicralla Haidar

Quando se assiste a um retrospecto de filmes antigos, observa-se que alguns desses filmes continuam tão modernos e tão bons quanto os bons filmes hoje produzidos. Já outros, o correr dos anos os envelheceu a tal ponto que só são exibidos por curiosidade ou para estudo.

Alguns filmes antigos ainda nos trazem uma mensagem espiritual, uma aula instrutiva ou momentos de boa comédia plenos de hilaridade, enquanto outros nos deixam totalmente indiferentes.

Por que certos filmes que comoviam quando foram produzidos ainda comovem hoje e outros apenas nos fazem rir das situações que outrora emocionavam? Por que alguns filmes educativos produzidos há anos ainda que tratem de assunto que não é mais da curiosidade pública, continuam a despertar o interesse e a proporcionar satisfação aos que assistem agora a sua exibição, enquanto que outros, antigos e novos, que tratam de assunto da maior atualidade, não despertam senão a apatia do público? Por que certos filmes de conteúdo religioso jamais contribuíram para a edificação espiritual do público e foram por este totalmente esquecidos após sua primeira exibição, enquanto outros levaram e ainda levam os espectadores a uma atitude de humildade, de meditação, de levantamento espiritual e, mesmo, de decisão? Por que alguns filmes já nascem velhos enquanto outros jamais perdem a originalidade? O que é que dá ao filme essa qualidade duradoura?

Essas considerações são importantes para o produtor de filme em geral e, em particular, para o produtor do filme de mensagem.

Mas - alguém dirá - essas considerações se aplicam a outras formas de comunicação: literatura, música, pintura. Como poderia o cinema fugir à regra?

O que ocorre é que a própria natureza da produção cinematográfica permite que a qualidade artística e intelectual do filme e os seus objetivos sejam frequentemente prejudicados.

Antes de mais nada, queremos afirmar que uma obra de arte presume a existência de um artista. Uma sinfonia, uma ópera, um oratório, uma canção existem como obra de um compositor cuja inspiração, uma vez captada no papel, existe como obra realizada, independente de sua execução por conjuntos orquestrais ou cantores.

Da mesma forma, um romancista com papel e lápis pode criar o seu romance. Mesmo que, por inúmeras razões, esse manuscrito jamais veja o prelo, a obra existe e só desaparecerá com a destruição do manuscrito.

Na falta de material adequado o pintor pode criar uma obra de arte até mesmo em papel de embrulho.

No cinema Flaherty, Chaplin, Humberto Mauro criaram filmes extraordinários, embora tivessem a seu dispor modesto equipamento cinematográfico.

O trabalho do artista leva sempre a marca do seu gênio, quer seja na pintura, na escultura, na música ou nas letras.

A industrialização do cinema destruiu quase que totalmente o cunho individual da produção cinematográfica. A sua complexidade moderna coloca grandes embaraços entre a idéia original do autor e o filme pronto.

Enquanto que o escritor lida apenas com papel, lápis ou máquina de escrever, o pintor com tintas e tela, o músico com papel pautado e lápis, o cineasta é obrigado a usar filme, câmara, laboratório de revelação e de sonorização, máquinas de montar imagem e som, coladeira e uma infinidade de outros instrumentos de trabalho. O cineasta é obrigado, ainda, a trabalhar com dezenas de colaboradores: cinegrafista,

técnicos e outros auxiliares.

É natural que o cineasta possa, às vezes, se perder no enredo da produção cinematográfica e obter, como resultado, um filme que não é a obra imaginada e idealizada por ele.

Pudesse o cineasta gravar no filme as imagens e o som tal como ele as ouve e vê, haveria muitas obras primas onde hoje apenas existem bons filmes.

O cineasta é um artista que deve possuir muitos conhecimentos técnicos para exigir de seus colaboradores a prestação correta de seus serviços a fim de que o filme seja realmente aquilo que ele desejou criar.

O cineasta, evidentemente, não precisa ser um cinegrafista, - menos ainda um técnico de laboratório de revelação e copiagem ou engenheiro de gravação. Mas precisa conhecer tôdas as possibilidades que esses colaboradores lhe podem oferecer com aqueles instrumentos de trabalho. Se ele desconhece os recursos da câmara filmadora, ver-se-á à mercê do cinegrafista que nem sempre compreenderá as suas intenções e não saberá, então, captar a cena da maneira que ele a imagina e deseja.

Quanto melhor o cineasta dominar os diversos aspectos técnicos da produção cinematográfica, mais flexibilidade encontrará para expressar no filme os seus pensamentos. Ocorre o mesmo com o escritor, o pintor, o compositor. Quanto mais o artista criador dominar os instrumentos de produção de sua arte, mais fielmente sua obra refletirá o seu pensamento.

Mas não basta dominar a técnica para ser um artista. O domínio da técnica é apenas o requisito mínimo exigido do profissional. Não é necessário demonstrar que há profundas diferenças entre o trabalho do profissional que apenas conhece bem o seu artesanato e o do profissional que é, além de tudo, um artista. Mas, em cinema essa diferença se torna, às vezes, mais difícil de discernir, graças à própria complexidade da produção cinematográfica.

O talento ou a falta de talento do escritor se patenteia pela leitura de suas obras: estas guardam uma relação imediata com o autor que jamais poderá culpar a qualidade do papel ou a ponta do lápis ou mesmo a máquina de escrever como elementos que impediram a elaboração da sua obra de acordo com a sua vontade. Naturalmente, se ele não comandar bem a linguagem escrita é evidente que aí já começam as dificuldades para a fiel expressão de seus pensamentos.

É difícil, pois, no caso do escritor sem talento, justificar a pobreza de sua obra senão pela falta de talento, imaginação, gênio. Todos nós conhecemos um ou mais escritores que, embora dominem com absoluta firmeza a palavra escrita, de sua lavra não jorra nenhum pensamento original, não surge nenhuma personagem impressionante, nenhum enredo se urde para enlêvo ou emoção do leitor. Sua produção é como a fruta de casca bonita, colorida e sadia, mas cuja polpa é seca e sem gosto.

Na cinematografia encontramos também um grande número de profissionais que sabem como produzir um filme e sabem produzi-lo com perfeição técnica. Na realidade, qualquer indivíduo normalmente inteligente pode aprender o artesanato da produção cinematográfica. É fácil aprender como se escreve um roteiro, como se dirige a filmagem do roteiro, como se utiliza a câmara, como se faz a montagem das cenas obtidas durante a filmagem e, finalmente, como se sonoriza. Mas isso não significa que quem sabe fazer tudo isso, mesmo que o faça com perfeição técnica, possa ipso facto considerar-se um bom cineasta. A diferença entre o bom cineasta e o que é apenas um artesão reside na capacidade criadora e no domínio da linguagem cinematográfica do primeiro e na ausência dessas qualidades no segundo.

Linguagem cinematográfica é a maneira própria do cinema de relatar, de mostrar, contar, enfim, de comunicar. Afirmamos que é possível a qualquer pessoa, medianamente inteligente, aprender o artesanato cinematográfico, mas o mesmo não podemos afirmar com relação à linguagem cinematográfica.

A linguagem cinematográfica é um dom. O cineasta que tem cultura e sensibilidade artísticas e possui aquêle dom, pode criar bons filmes. O cineasta que não domina a linguagem cinematográfica jamais criará um bom filme. É como certos compositores que, sabendo tudo sobre teoria e composição musical, não possuem o dom da inspiração. Suas músicas jamais encontram ressonância no coração do público.

Mas não basta ao cineasta possuir o domínio da técnica e o dom da linguagem cinematográfica para poder realizar o seu filme. É necessário que possua também espírito empreendedor e habilidade empresarial. Sem essas qualidades o cineasta não conseguirá vencer as dificuldades naturais inerentes à produção cinematográfica. É esse o grande obstáculo que faz com que muitos abandonem o cinema.

Vejamos, a título de ilustração, as atividades a serem desenvolvidas por um cineasta que se propuzesse a fazer um documentário focalizando "o transporte coletivo na vida do trabalhador paulistano". O cineasta, assim como o escritor, é um preocupado com os problemas sociais. Pretende, com esse documentário, chamar a atenção das autoridades municipais para os efeitos nocivos que a presente situação dos transportes coletivos da cidade e dos subúrbios ocasiona na vida econômica do Estado e na vida doméstica dos trabalhadores. Ele tem a esperança de que o filme terá o poder de alertar a população e as autoridades para a solução urgente deste grave problema urbano.

O cineasta faz sua pesquisa, seus estudos, suas observações e, após dois ou três meses, tem todos os dados para a elaboração do roteiro. Este, uma vez escrito, lhe indica que o filme terá a duração de cerca de 30 minutos de projeção.

Para fazer o filme ele terá logo de enfrentar um problema fundamental: o financeiro. Em linhas gerais, sem considerarmos qualquer imprevisto durante a filmagem, o orçamento será o seguinte: (em Junho de 1966).

| | |
|--|-----------|
| Cinegrafista e equipamento (1 mês de filmagem) | 1.000.000 |
| Filme negativo | 2.250.000 |
| Revelação do filme negativo | 189.000 |
| Copião | 648.000 |
| Eventuais | 200.000 |
| | 4.287.000 |

Terminada a filmagem o cineasta terá que montar o filme, dando-lhe a sequência exigida pelo roteiro, já que não é prático ou econômico filmar as cenas na sequência desejada.

Após um mês de montagem, vem a sonorização que deve custar, incluindo-se todos os gastos, cerca de R\$ 300.000. Chega, finalmente, a hora de se obter a 1ª cópia que custa R\$ 216.000. Mas essa 1ª cópia, geralmente, não satisfaz ao produtor que ordena a confecção de outra cópia que custa R\$ 216.000. Somando-se todos os gastos temos o total geral de R\$ 5.019.000.

O cineasta é, pois, um homem com problemas técnicos e financeiros. Não é de admirar que muitos sucumbam diante da resistência que lhes oferece a complexidade da produção cinematográfica.

Muitos dos que vencem essa barreira possuem apenas o espírito empreendedor, industrial, empresarial e muito pouco talento para os valores intrínsecos da arte cinematográfica. Quando estes se colocam a serviço dos colegas que têm talento, passam a desempenhar, então, uma função de magna importância na cinematografia. Neste caso eles exercem a função de produtor. Acontece, infelizmente, que poucos são os produtores que permitem a livre expressão do artista ou a realização do filme tal e como deve ser produzido. Isso ocorre porque o produtor pensa exclusivamente em ganhar dinheiro e, por isso, sacrifica todas as outras considerações; ou porque ele se julga competente para decidir sobre o conteúdo do filme, interferindo na elaboração do roteiro e em outras fases críticas da produção, sacrificando, assim, a individualidade do trabalho do cineasta.

Poucos são os filmes, quer no Brasil quer no estrangeiro, que não sejam o trabalho adulterado de um cineasta medíocre ou de um produtor com desejo de ser um criador cinematográfico. Quando o produtor é um intelectual e possui boa cultura cinematográfica ele pode reconhecer suas

limitações e permitir que o cineasta de talento não sofra inibições ao executar o seu trabalho.

Na pletera dos filmes que hoje se produzem, o que menos parece preocupar a todos é a sua qualidade artística e, menos ainda, o conteúdo. No caso dos filmes de entretenimento encontra-se uma justificativa que é a do lucro. O que importa aos financiadores e produtores de filmes comerciais é a obtenção do lucro e nada mais. O que é imperdoável, entretanto, que não se justifica e que, em última análise, demonstra falta de inteligência, é a maneira com que filmes com finalidade educativa, cultural, moral e, mesmo, espiritual são realizados. Entrega-se a incumbência de sua produção a produtores da mesma maneira que se escolhe, pela lista telefônica, um pedreiro ou encanador para fazer um conserto em nossa casa.

Quando se desejou pintar um mural numa das salas do prédio das Nações Unidas, em N.York, não foi ganhando concorrência pública que coube a Portinari fazer aquêle mural. Quando a Universidade do México desejou enriquecer, ainda mais, os seus lindos edifícios, não foi a êsmo ou por circunstâncias várias que Diego Rivera e Orozco foram convidados a deixar nêles a marca de seu gênio. Quanto se convida Heifetz ou Guiomar Novais para solista de uma Filarmônica, pagando-se-lhes uma verdadeira fortuna por concerto, é porque êles são admiráveis e inigualáveis.

O aspecto industrial e artesanal do cinema de tal maneira impressiona que basta que alguém se instale como produtor cinematográfico para que êle se julgue capacitado para fazer filmes sôbre todo e qualquer assunto. Se êle apenas se julgasse competente, o problema não seria sério, porque, possivelmente, êle ficaria a ver navios. Mas, infelizmente, isso não acontece. Esse produtor sem talento, às vêzes sem cultura, logo ganhará contratos para realizar filmes sôbre problemas sociais, educacionais, políticos e, até mesmo, religiosos. Não se requer do produtor talento, cultura ou mesmo familiaridade com o problema a ser focalizado no filme. O importante é que êle saiba "fazer" filme.

Mais uma vez usaremos a literatura como exemplo. Quando uma Universidade deseja algo escrito sôbre problemas educacionais, êssa incumbência é confiada a um educador de méritos reconhecidos; da mesma maneira um sindicato de trabalhadores daria tal incumbência para assuntos trabalhistas a um especialista nos estudos dêsses problemas; a Confederação das Indústrias pediria a um economista que escrevesse sôbre Economia. A êsses escritores especializados se lhes permite o estudo cuidadoso da matéria, mesmo que isso implique em alguma demora na elaboração do artigo, estudo ou livro. Depois de pronto, o manuscrito é, então, encaminhado ao impressor. A Universidade, o Sindicato, a Confederação e qualquer outra entidade interessada na elaboração de um trabalho escrito, feito com seriedade profissional, jamais confunde a função do escritor com a do publicador.

Em cinema ocorre o lastimável equívoco de entender-se por produção cinematográfica apenas o seu processo técnico, artesanal e industrial. Raramente se permite ao cineasta estudar bem o assunto, os problemas, os objetivos do filme. O cineasta que diz necessitar de alguns meses para pesquisar e estudar antes de escrever o roteiro, é tido como perdulário e incompetente. Êle perderá a concorrência para outro produtor que em poucos dias inventa umas baboseiras, elaboradas na forma de roteiro, e em mais outros poucos dias transforma em imagens e som as estultícias.

São filmes como êsse - e como êle centenas são produzidos todos os anos - que vêm encher as empoeiradas estantes das filnotecas e ali permanecer melancolicamente esquecidos e inúteis.

" COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA "

Prof. Nélío Parra

A comunicação cinematográfica é parte integrante de um tódo mais amplo, que chamamos comunicação humana; esta fornece àquela os fundamentos imprescindíveis sem os quais não poderá atingir seus objetivos. Assim, não é possível falar-se em comunicação cinematográfica sem a conceituação do que seja comunicação humana.

O caráter social do homem solicita do mesmo uma relação contínua entre êle e o meio exterior. Essa relação ou comunicação tem sido o motor do progresso e é através dela que as sucessivas gerações transmitem às demais suas conquistas e também suas derrotas. "Para os seres humanos o processo da comunicação é tão fundamental quanto vital. É fundamental desde que tóda sociedade humana, da primitiva à moderna, está baseada na capacidade do homem de transmitir suas intensões, desejos, sentimentos, conhecimentos e experiências, de uma pessoa à outra. É vital desde que a habilidade em cominicar permite aos indivíduos a oportunidade de sobreviver, enquanto que sua ausência é tida, geralmente, como uma forma séria de patologia pessoal. (1)

O tórmo comunicação, em seu sentido lato, sugere a idéia de comunhão, de estabelecimento de um campo comum com outras pessoas, de divisão de informações, de idéias, de sentimentos. Podemos dizer que comunicar é o processo pelo qual um indivíduo transmite estímulos a outros indivíduos a fim de modificar seu comportamento. Constatamos, nessa definição, alguns elementos básicos:

- a. o comunicador, que é o indivíduo ou a agência (jornal, estação de televisão, etc.) que procura transmitir uma idéia ou informação;
- b. a mensagem, que é a própria idéia a ser comunicada;
- c. o público, que é o alvo da comunicação.

Para que haja comunicação é necessário que o comunicador e o público entrem em sintonia, isto é, formem aquela comunhão de que falamos atrás. Como isto acontece?

Em primeiro lugar, o comunicador toma a informação ou as idéias que deseja transmitir e as arranja ou as codifica em um sistema de sinais que sejam compreensíveis para o público. "As imagens em nossas mentes não pod

(1) Wright, Charles R., Mass Communication - A Sociological Perspective - Randon House - New York, 6ª edição, 1962.

dem ser transmitidas até serem codificadas. Quando codificadas em palavras orais , elas podem ser transmitidas fácil e eficientemente mas , não podem ir muito distante a menos que sejam levadas através do rádio. Se forem codificadas em palavras escritas , elas caminham mais vagarosamente que as orais mas vão muito mais distante e duram mais. De fato , algumas mensagens duram mais que seus transmissores, como por exemplo , a Ilíada , o discurso de Gettysburg , a catedral de Chartres". (1). A codificação é um subelemento que faz parte integrante do comunicador e o é dos mais importantes - pois dela dependerá , e muito , o sucesso da comunicação.

Em segundo lugar , a mensagem codificada e transmitida pelo comunicador precisa ser recebida e decifrada ou decodificada pelo público. É fundamental para o comunicador saber se o público está interpretando ou decodificando a mensagem sem distorção. Se o comunicador não tiver informações claras e adequadas , se a mensagem não fôr codificada de uma forma completa , exata e eficiente , se os sinais empregados na codificação não corresponderem aos empregados pelo público e , finalmente , se a mensagem codificada e decodificada não obtiver do público a resposta desejada , então , - não houve comunicação.

Nós falamos que as mensagens devem ser codificadas pelo comunicador , isto é , devem ser traduzidas em um sistema de sinais que façam parte do campo de experiência do público. Dentre os sinais mais empregados pelo homem em comunicação encontramos a linguagem. Mas , "falar e escrever não são de modo nenhum , nosso único sistema de comunicação. As relações sociais - são grandemente fortalecidas por hábitos de gesticulação - pequenos movimentos das mãos e da face. Com o acenar da cabeça , contrair das sobrancelhas , apertar das mãos, beijar as mãos e outras gestos , nós podemos transmitir conhecimento os mais sutís". (2)

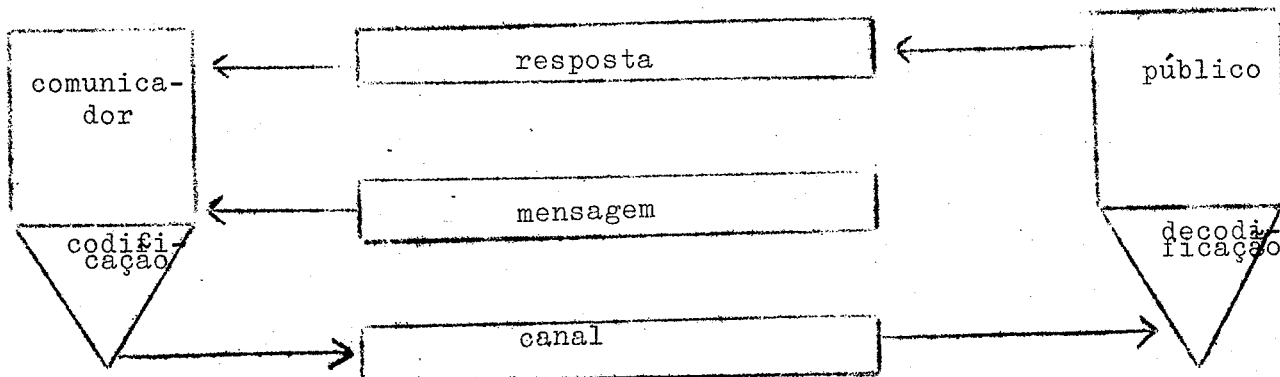
Esse e outros inúmeros gestos e sinais que o comunicador emprega para atingir o público podem ser transportados por diversos veículos ou canais. Um mesmo sistema de sinais ou código como a linguagem , pode chegar até o público através do rádio , do cinema , do jornal e outros.

Um último elemento deve ser acrescentado ao nosso processo. A comunicação não é uma operação/ de uma só via como pode transparecer de nossa explicação; é um processo e , como tal , contínuo , sem um começo e sem fim. Ao transmitir uma mensagem o comunicador receberá uma resposta que depois de interpretada é devolvida ao público com uma nova codificação. É errôneo , portanto , pensar que a comunicação começa e termina em pessoas ou lugares diferentes. É um contínuo fluir entre o comunicador e o público e entre esse e o comunicador. A resposta , o último elemento do processo , é "qual -

(1) Schramm , Wilbur , The Process and effects of Mass Communication , University of Illinois Press - Urbana - 4ª edição , 1960.

(2) Cherry , Colin , On Human Communication , Science Editions , Inc. , New York , 1961 .

quer coisa que o indivíduo faça como resultado da percepção do estímulo.
(1).



É evidente que , em se tratando de comunicação face à face , é muito mais fácil para o comunicador perceber as respostas do público e rapidamente dar nova codificação à mensagem. Mas , quando usamos os meios de comunicação à massa , como um jornal , um filme cinematográfico ou um programa de televisão , o processo se complica um pouco pois , uma vez enviada a mensagem o comunicador perde , praticamente , seu poder sobre ela. Daí a importância muito grande das pesquisas de opinião , as motivacionais , enfim , do conhecimento o mais profundo possível do público antes de qualquer transmissão de mensagem. Cartas à redação , telefonemas , aumento na tiragem de um jornal , porcentagem de audiência , compra do produto , são tipos de respostas aos meios de comunicação à massa.

O processo acima exposto pode ser comparado a uma corrente onde os anéis seriam o comunicador , o canal , o público , a resposta. "O sistema não poderá ser mais forte que o mais fraco de seus elos". (Schramm, ob. cit.). É importante , por conseguinte , dar a cada um dos elementos do processo uma consideração demorada a fim de que a comunicação não seja interrompida ou distorcida em qualquer dos elos do sistema.

1- Mensagem - Antes de qualquer empreitada em comunicação devemos ter uma idéia a mais clara possível da mensagem. A análise perfeita do problema é fundamental. Qual a natureza do problema ou do assunto a comunicar? Por que este problema existe? Quais os esforços passados que foram feitos para solucioná-lo? Deram resultados? Se não , por que? Que esforços têm sido feitos atualmente para solvê-lo? Quais as autoridades ou especialistas nesse assunto? As respostas a essas perguntas darão um bom começo para o estudo da mensagem.

2- Comunicador - O Prof. Berlo (ob. cit.) ao analisar as qualidades do co

(1) Berlo , David K. , O Processo da Comunicação , Editora Fundo de Cultura , 1963.

municador, estabelece quatro fatores que podem aumentar a fidelidade da comunicação. São eles:

- a- as habilidades de comunicação: que incluem uma série de elementos mas que, resumidamente, podemos afirmar ser a capacidade do comunicador de usar os sinais ou códigos escolhidos. Assim, num escritor será sua capacidade de usar a palavra escrita, num pintor os traços e as cores, num cinegrafista as fusões, os cortes, etc
- b- as atitudes: para consigo mesmo, para com o assunto, e para com o público. O auto-conceito, a maneira de encarar a mensagem e a apreciação que o comunicador faz do público, podem determinar bloqueios à comunicação.
- c - o nível de conhecimentos: o conhecimento do assunto a transmitir é básico. Ninguém comunica aquilo que não sabe.
- d - sistema sócio-cultural: o comunicador é parte integrante de um sistema sócio-cultural, que irá determinar, em grande parte, os sinais usados, os objetivos propostos, os canais empregados.

3- O Público - quanto maior for o número de informações que o comunicador tiver do público mais eficiente será sua comunicação. Conhecer seu nível de educação, seu sistema sócio-cultural, suas características físicas, é imprescindível. Em se tratando de comunicação face à face ou a pequenos grupos é fácil definir o público mas, quando estamos usando os meios de comunicação à massa isto se torna mais difícil. É fundamental pensar que as comunicações dirigidas exclusivamente à uma elite ou a uma classe distinta da sociedade não são comunicações à massa. As mensagens através dos meios de comunicação à massa são oferecidas a um agregado de indivíduos de idade, sexo e níveis de educação diferentes e ocupando também posições diferentes na sociedade.

4- Canal ou veículo - Ao indivíduo que pretenda iniciar-se na comunicação não é suficiente o conhecimento, profundo que seja, de um veículo de comunicação. O comunicador tem atualmente, à sua disposição, uma série muito grande de veículos, entre os quais incluímos os recursos audiovisuais. O termo audiovisual é usado para representar materiais que, apelando para um ou mais sentidos, transmitem mensagens com maior eficiência. Na página seguinte o leitor poderá encontrar uma classificação que desenvolvemos de recursos audiovisuais que dá uma visão geral, panorâmica, de diversos meios de que o comunicador poderá lançar mão, incluindo o cinema. As preferências individuais por tal ou qual recurso não devem se sobrepor às da natureza própria dos recursos. Cada veículo tem sua linguagem própria, suas vantagens e limitações. Daí a necessidade de se conhecer essa linguagem, essas vantagens e limitações pois elas estão intimamente relacionadas com o conteúdo da mensagem, com o público e evidentemente com as condições materiais de produção e utilização.

5- Resposta - é o processo de volta de nossa comunicação e nos diz como nos-
sas mensagens estão sendo interpretadas. Para que a resposta seja avaliada
perfeitamente pelo comunicador é necessário que ele saiba como quer que o
público aja e o que quer que faça e pense, em decorrência da mensagem. É ne-
cessário, portanto, determinar os objetivos da comunicação pois somente -
em termos deles poder-se-á avaliar a qualidade das respostas do público. -
Qual o meu objetivo: criar uma opinião? divertir? desenvolver uma habilida-
de? informar? A conceituação dos objetivos, fundamental para a avaliação da
resposta, não deve, no entanto, ser muito vasta ou de difícil verificação.
O comunicador que coloca objetivos em uma só comunicação corre o risco de
não atingir nenhum.

O que acabamos de expor até agora tem por fim estudar como uma mensa-
gem pode atingir o público e dar, como consequência, certos resultados. A-
pesar de ser bastante difícil prever os resultados de uma mensagem, é pos-
sível dar certas condições que, se preenchidas pelo comunicador poderão,
com muito sucesso, despertar no público a resposta desejada. De acôrdo com
Wilbur Schramm (ob. cit.) essas condições são:

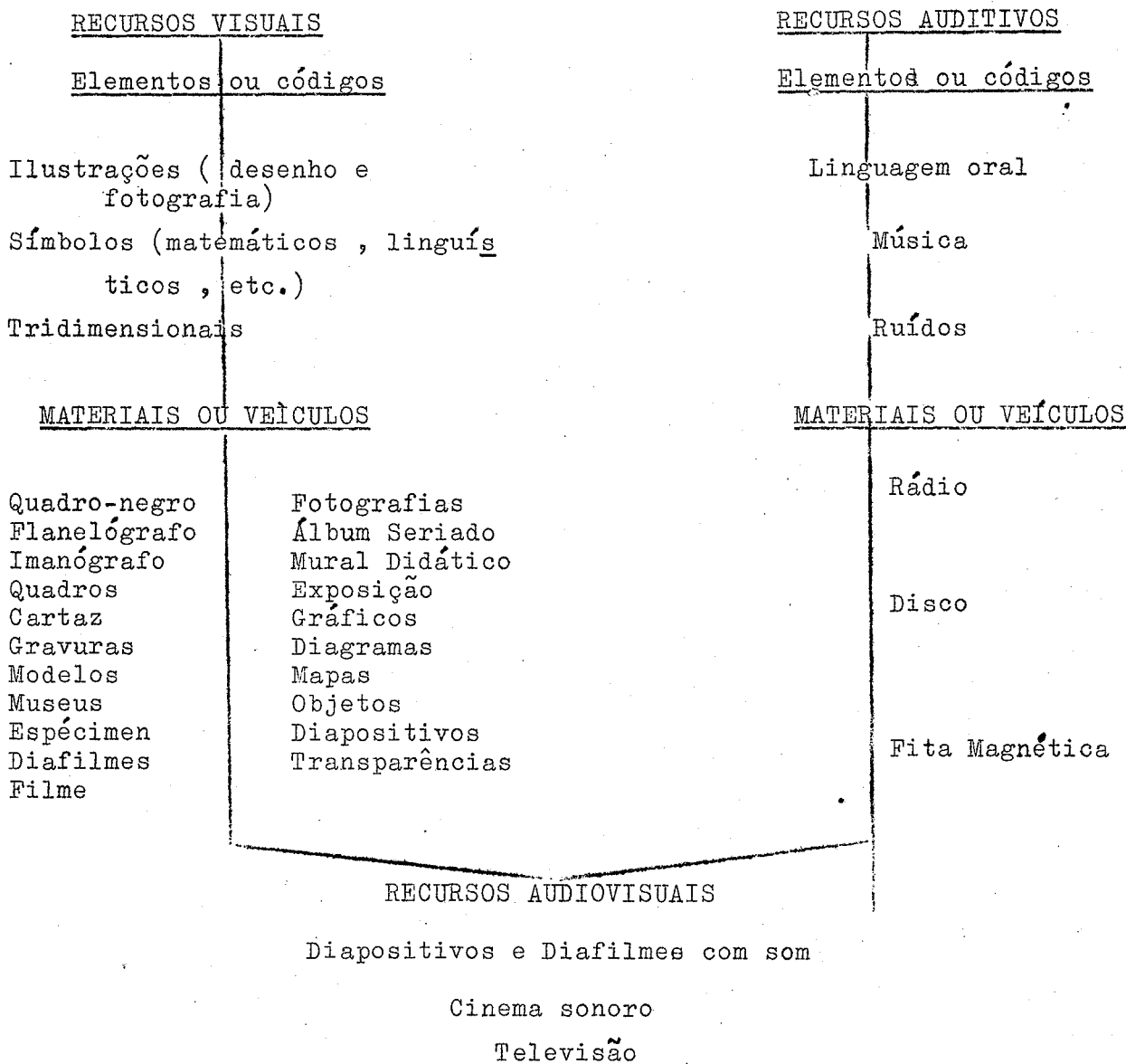
a) a mensagem precisa ser planejada e enviada de modo a ganhar a aten-
ção do público desejado. A simplicidade desta condição permanece apenas na
aparência, pois se pensarmos que nossa mensagem está concorrendo com uma -
série de outras para conseguir a atenção do público, poderemos aquilatar
de sua dificuldade. A hora e o local da comunicação podem favorecê-la ou -
prejudicá-la. Além disso, é preciso equipar a mensagem com ingredientes que
apelem para o público. Conhecer o público, saber de suas necessidades é lei
para o comunicador.

b) a mensagem precisa empregar sinais que pertençam ao campo comum de
experiências tanto do comunicador quanto do público. À medida que cresce,
o homem vai criando um sistema de conduta, de atitudes que o predispõem a a-
coitar algumas coisas e a rejeitar outras; que o predispõem a analisar os
fatos de acôrdo com seus padrões de comportamento. De acôrdo com esta condi-
ção, não basta ao comunicador falar a mesma língua do público. É preciso -
ainda que ele não vá contrariar crenças enraizadas, comportamentos fixados,
atitudes estabelecidas. Essas crenças, êsses comportamentos, essas atitudes
não foram criadas do dia para a noite e não será com uma ou duas comunica-
ções que iremos modificá-las.

c) a mensagem precisa despertar necessidades no público e sugerir algu-
mas maneiras de satisfazê-las. Sempre que o homem enfrenta uma situação pro-
blemática ele procura as soluções ou a solução que venha satisfazer sua ne-
cessidade. Uma comunicação, para ser eficiente, deve relacionar-se com uma
das necessidades humanas como a segurança, de status, de pertencimento, de
compreensão, e outras. Quando uma mensagem consegue despertar no público u-
ma necessidade ou quebrar um aparente estado de equilíbrio, criando portan-
to uma tensão, será mais fácil sugerir ações a tomar. A propaganda emprega

48
50

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE RECURSOS AUDIOVISUAIS



à larga êsse tipo de abordagem. Tal lâmina de barbear não vende um barbear bem feito, mas sim o sucesso do indivíduo na sociedade.

d) a mensagem precisa sugerir maneiras de satisfazer àquelas necessidades de acôrdo com a situação grupal do público. Nossos padrões e nossos valores são padrões e valores do grupo. Como comunicadores não podemos desprezar êsse fato. Nossa comunicação terá maior probabilidade de sucesso - se se enquadrar nos padrões de comportamento, nas atitudes, nos valores e objetivos do grupo. Será muito mais fácil desenvolver uma mensagem sôbre - padrões de comportamento, valores e impulsos já existentes do que tentar - destruí-los e construir novos.

COMUNICAÇÃO E CINEMA

Colocados , ainda que rapidamente , os princípios da comunicação humana , podemos intentar agora situar o cinema dentro daquêle quadro mais vasto de referência.

Os meios de comunicação e , dentre êles o cinema , não se desenvolveram em um vácuo social mas , pelo contrário , fizeram parte de sucessivas mudanças , algumas vêzes alimentando e outras sendo alimentado pelos fatos históricos. O jornal e o panfleto tiveram sua época de apogeu a partir da metade do século XVIII até a metade do século XIX. Durante êsse período viu-se um material barato e disseminado com facilidade ser usado em movimentos tendentes a implantar novas idéias e ideais. Foi a época em que a revista e os panfletos exerceram papel decisivo na preparação das massas para as revoluções francêsa , americana e para as reformas liberais na Inglaterra. Os últimos cem anos de nossa era registram o aparecimento de um outro tipo de comunicação - a não impressa. O desenvolvimento da fotografia marcou um grande passo na comunicação , devido especialmente à ilusão da realidade que a mesma carrega. A fotografia trouxe aos fatos , antes descritos ou pintados , um caráter de autenticidade que faz o observador pensar estar tendo dos mesmos uma experiência de primeira mão. A fotografia dá ao público a ilusão de contato direto com a realidade , sem avaliar que também ela é simbólica , que também ela é uma representação da realidade. À fotografia foi acrescentada uma nova dimensão - o movimento. O cinema veio satisfazer uma aspiração há tantos séculos sonhada , qual seja a de reproduzir a realidade não só estática , mas em tôda sua plenitude de vida , dinâmica. O cinema veio formar "uma humanidade nova ligada com todo seu ser espiritual à linguagem da imagem , cada vez mais habituada a achar na imagem seu alimento predileto e que tem necessidade da imagem , às vêzes como de uma droga - êsse é o perigo - porém também como de uma janela sôbre um mundo de emoções e valores excitantes. (1).

(1) Lemaitre , Henri , El Cine y las Bellas Artes , Ediciones Losange , Buenos Aires , 1959.

O cinema é um meio de comunicação bem recente, tem influenciado de tal maneira nossa sociedade que muitos julgam ter êle ultrapassado a imprensa na capacidade de criar impacto e de comunicação.

O cinema é comunicação e assim sendo deve ser analisado à luz dos elementos do processo geral da comunicação já descrito anteriormente. Assim, discutiremos o comunicador, a mensagem, o público, o canal e a resposta.

1- Comunicador - Seja uma companhia cinematográfica, onde uma grande equipe é responsável pela produção, seja um indivíduo com sua câmara acumulando as funções de diretor, argumentista, cinegrafista, montador, etc, ambos devem preencher as condições de um bom comunicador. Vejamos:

a) Habilidades de comunicação: Nós podemos dizer que o cinema tem sua linguagem própria, utilizando, pois, uma série de sinais e de símbolos para transmitir uma mensagem. É imprescindível que um cinegrafista conheça essa linguagem, êsse sistema de sinais, sua organização, seus princípios de classificação, suas relações com as coisas, com as ações, com as qualidades. O cinegrafista deve ainda compreender que a técnica é apenas o "meio necessário para a realização do conteúdo artístico do filme... Cada auxílio técnico tem significação apenas quando contribue para a linguagem expressiva do filme!" (1).

b) Conhecimento do assunto: Não se exige de um cinegrafista um conhecimento profundo do assunto a ser filmado. Mas dentro das limitações de suas experiências passadas em relação com o assunto e dos limites de tempo, é preciso que o cinegrafista aprenda o mais que possa sobre o que irá filmar. Em se tratando de filmes educativos, por exemplo, o cinegrafista deve observar, inicialmente, um especialista no assunto durante uma exposição ou demonstração da matéria. Procurar depois repetir a explicação para o especialista e posteriormente para um público que desconheça o assunto. Com êsse tipo de experiência, êle poderá aquilatar as dificuldades da apresentação do assunto, que pontos deverão ter um ritmo mais vagaroso, que aspectos devem ser repetidos, que técnicas devem ser usadas para enfatizar um princípio. Êsse cuidado na etapa inicial do planejamento do filme poderá evitar muitos aborrecimentos durante a produção. O cinegrafista deve ter idéias bem definidas a respeito da natureza do problema que irá filmar. Vamos exemplificar êsse ponto com um filme sobre a malária, por exemplo. Em primeiro lugar deve-se conceituar o problema: Existe uma doença chamada malária, causada por um mosquito, que mata milhares de pessoas em um dado tempo e numa determinada região. (Se matasse só dezenas, não teria cabimento um filme).

(1) Nilsen, Vladimir, The cinema as a Graphic Art, Hill and Wang - New York.

Em seguida deve-se perguntar: Por que a doença existe?

-9-

Em seguida deve-se perguntar: Por que a doença existe? Por que existe um mosquito e as pessoas são picadas pelo mesmo. Como livrar-se da doença? Matando os mosquitos ou evitando que as pessoas sejam picadas por ele. O que fazer para matar os mosquitos? Saber como se criam, como vivem, quais os produtos utilizados no seu extermínio, como são aplicados, etc. Como evitar que as pessoas sejam picadas pelos mosquitos? Colocando telas nas janelas; dedetizando as casas. Por que esse problema ainda existe? devido à falta de equipamento, materiais, habilidades ou comunicação?

c) Atitudes do comunicador: O cinegrafista julga-se capaz de fazer tal filme? O assunto a ser filmado é apenas "mais um" ou ele está comprometido de que, de fato, é importante para uma grande parcela da população? O público para o qual deverá fazer o filme é aquele que o cinegrafista aprecia ou vai fazer o filme apenas para satisfazer o seu "ego"?

d) Ambiente sócio-cultural: "um filme não é uma máquina fotográfica... (por detrás da máquina fotográfica está sempre um fotógrafo que escolhe este ou aquele enquadramento, isto é, que exprime sua opinião". Fazendo um filme, como desenvolvendo qualquer obra de arte, a realidade artística é sempre subjetiva; ela é a "realidade" do cinegrafista ou do artista que a reproduz segundo suas convicções, sua cultura, seu ambiente social. Essa subjetividade, que é produto de uma estruturação lenta de atitudes devida em grande parte ao ambiente sócio-cultural, deve ser constantemente verificada pelo cinegrafista que deve procurar chegar o mais possível à objetividade: "O artista deve se libertar completamente das suas idéias e de si próprio para poder captar os fatos como eles são, e não como ele quer que sejam; e, ao fazê-lo, deve ter a intenção de reforçar, e não de deformar a realidade, isto como hábito mental, pois é possível que uma pessoa chegue a ser "sinceramente" parcial, à força de se acostumar a ver tudo através do prisma estreito dos pontos de vista pessoais" (1).

2 - Mensagem: Quanto à análise do conteúdo da mensagem acredito não ser necessário um comentário mas sim pedir a gentileza do leitor para voltar ao item b, da página 8, onde discutimos a necessidade de o comunicador conhecer o assunto que irá transmitir. As mesmas afirmações feitas lá são válidas para a análise da mensagem.

A mensagem, assim analisada, deverá receber um tratamento adequado ao conteúdo, ao público, e aos objetivos propostos. Já disseram que "o cinema constitui uma necessidade para o homem de nosso tempo" e, principalmente, o cinema diversão, onde se vai para esquecer e não para rever os problemas da vida. Mas será que a diversão é a única mensagem que o cinema pode e deve transmitir? Ou colocado de outra maneira: será que um filme educativo, com uma mensagem de tese ou de preocupação não deva ser divertido também? Qual o tratamento a dar àquela mensagem da malária, por exemplo?

(1) Escudero, José Maria. Cinema e Problema Social, Editorial Aster, Lisboa.

"O negócio do cinema destina-se a recrear divertindo. Esta recreação devia recrear. Tem de atrair o humano , divertindo , emocionando; deve fortalecer a nossa atitude perante a vida e alargar a nossa humanidade. Pelo menos tem de ser um bom passatempo; e na sua melhor expressão , uma experiência boa e duradoura. Deve habilitar-nos a sair do cinema com um sentimento caseiro alegre e vivido emotivamente. Absorver-se numa boa história , leve ou trocista , policial ou cômica , melodramática ou trágica, devia ser - uma experiência que , em certa medida , refizesse o terreno individual e - permitisse criar uma nova vida" (1). Não há razão para dividir o cinema em diversão e cinema de tese ou educativo ou de problema. Qualquer filme , por mais problemático que seja seu conteúdo , não pode deixar de divertir e , - por outro lado , o filme diversão , sempre traz , por mais imperceptível - que seja , uma mensagem que procura formar ou deformar a humanidade.

3 - Canal: Desejamos enfatizar a importância de analisar atentamente o conteúdo , o público , os objetivos , antes de escolher este ou aquele canal e também , que esta escolha não deve fundamentar-se no "eu gosto". Tendo o comunicador analisado com cuidado a mensagem , o público , os objetivos e tendo conhecimento dos diversos canais disponíveis é bem provável que , se escolher o cinema como veículo , é porque tem argumentos bem ponderáveis para essa seleção. Voltemos ao caso do filme - sobre a malária. Na análise da natureza do problema: nós colocamos algumas medidas para prevenir a doença: -

- a) colocar telas nas janelas;
- b) dedetizar as paredes das casas;
- c) dedetizar os focos de criação do mosquito;
- d) explicar alguns medicamentos especiais como o Atebrin.

Para cada uma dessas medidas preventivas podemos ter um filme, um curso , instruções impressas ou cartazes. No caso de colocação de telas nas janelas , nós podemos ensinar como fazer as telas. Um curso para os carpinteiros da região com ilustrações ou mesmo instrução impressa , desenvolvendo - claramente as operações , talvez fôsse mais econômico e mais eficiente que um filme. No caso da dedetização das casas , serviço dos funcionários da Campanha de Erradicação da Malária , uma demonstração prática , feita por pessoa capaz , poderá satisfazer muito bem o objetivo.

Para chegar a conclusões como as de acima é preciso que o comunicador conheça os canais e , principalmente , conheça a linguagem cinematográfica. Quais são os elementos dessa linguagem? Não há muita concordância entre os autores , alguns colocando cinco , outros seis ou mais. Nós preferimos falar em apenas três : as imagens , os sons e o rítmo ou movimento. Esses três elementos são selecionados , organizados e montados de acordo com os objetivos propostos. A montagem daqueles elementos em um filme , longe de ser um processo meramente mecânico , é um processo artístico , criativo , indispensável para dar às diversas cenas uma forma orgânica , integral.. "Uma vez -

(1) Manvell, Roger , O filme e o público , Editorial Aeter , Lisboa.

mais eu repito que a montagem é a força criadora da realidade fílmica, e que a natureza provê apenas o material bruto com o qual ela trabalha. Aquela é, precisamente, a relação entre a montagem e o filme" (1).

No filme educativo, diferentemente de em outras tipos de produção, a montagem deve ser simples, procurando fazer com que as idéias sejam apresentadas com suavidade. Uma tomada deve ser suavemente seguida por outra a fim de evitar confusão no público. "Alguma coisa facilmente reconhecível em cada cena (tomada) deve carregar o olhar em direção da seguinte. Isto significa, na prática, que cada mudança de vista (isto é, cada corte) deve ser motivada por uma ação deliberada ou movimento de câmara(2)". O cinegrafista não deve se esquecer de que o filme educativo não precisa e não deve seguir as tradições do filme comercial. Os produtores de filmes educativos devem sentir-se livres para incluir legendas, questões, sinais, explicações sempre que forem necessárias.

4 - Público: Uma vez analisado o problema, se êle fôr de comunicação, precisamos pensar nos objetivos. E, ao considerar os objetivos, temos de considerar o público. Precisamos analisar nosso público-alvo. Para que público vou fazer o filme? Nem sempre o público em que existe o problema é o nosso alvo. No filme sobre a malária, por exemplo, o público pode ser: funcionários da Campanha de Erradicação da Malária. É preciso saber ainda o sexo, a idade, a religião, o nível econômico, o nível cultural de nossa audiência

Não basta dizer que o filme é para meninos de 12 anos de idade, ou para moças, ou para católicos. É preciso saber o que significa ter 12 anos o que significa ser moça, o que significa ser católico. Em tôdas essas perguntas está portanto o enquadramento psicológico do público. Finalmente, o cinegrafista deve guardar êste pensamento: "Nós não podemos usar má gramática para atingir as pessoas analfabetas, mas usar sentenças simples". O mesmo é verdade para o filme.

5 - Resposta: Vimos que resposta é a reação de um indivíduo a um estímulo e que ela é fundamental na avaliação de como o público está interpretando a mensagem. Vimos também que essa avaliação só pode existir em função de objetivos propostos para a comunicação. Resposta e objetivo são dois termos inseparáveis. Voltemos ao exemplo do filme sobre a malária. Analisando o problema, o canal e o público, deparamos com diversos . Por que existe o problema da doença? Por que as pessoas relutam em dedetizar suas casas? Por que os mosquitos desenvolvem-se em tais locais? e muitos outros porquês.

(1) Pudovkin, V. I. Karel Reisz, The technique of Film Editing, Focal Press, 1961.

(2) Reisz, Karel, The technique of Film Editing, Focal Press, New York, 1961.

54
[Handwritten signature]

O objetivo do filme será sempre solucionar alguns daqueles "por que?" Se o que torna o filme necessário é a falta de informação, então é preciso informar. Se o que falta é motivação, é preciso motivar. Na conceituação dos objetivos devemos ir mais além ainda. Devemos pensar nas mudanças de comportamento que desejamos provocar no público após ter visto o filme. O que queremos que ele pense, faça, sinta, seja ou acredite. Não devemos esquecer que quanto mais limitado o objetivo, mais fácil será alcançá-lo.

A cinematografia e, em especial a educativa, é conquista recente da humanidade e muitas de suas promessas já se tornaram realidade. Mas, o campo ainda é novo e nele devemos ingressar com a mente aberta para a experimentação sem, entretanto, desprezar a experiência e os conhecimentos dos que há mais tempo utilizam de sua linguagem.

II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCACAO.

55
90

MEC - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF; QUEIROZ FILHO"
CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA À EDUCAÇÃO

- 1- A half century of color - Siple, Louis Walton
- 2- Almanaque Português de fotografia
- 3- American Cinematographer Manual - Mascelli , Joseph V.
- 4- Animation Art in the Commercial Film - Levitan , Eli
- 5- An introduction to color - Evans, Ralph M.
- 6- Como escribir un guión para un film amateur - Blakeston , Oswell
- 7- Control Techniques in film processing - Society of Enginners and Motion Pictures Producers.
- 8- El guión cinematografico - Petit de Murat
- 9- Elsevier's Dictionary of Cinema Sound Music - Elsevier
- 10- Film and its techniques - Spottiswoode, R.
- 11- Film and the director - Livingston, Don
- 12- Fun with puppets - Cassel , Sylvia
- 13- Handbook of basic Motion Picture Techniques - Brodbeck, Emil EE
- 14- Ideas on Films - Starr, Cecile
- 15- La industria cinematografica en seis paises de Europa
- 16- Motion Picture Production Facilities of selected Colleges and Universities
- 17- Movies for TV - Battison, John H.
- 18- My ivory cellar - The story of time-lapse photography - Ott, John
- 19- Painting with light - Alton, John
- 20- Photographic Lens Manual and Directory - Neblette, C.B.
- 21- Sixteen mm. (16 mm.) Manual - Offenhausen
- 22- The focal Encyclopaedia of photography - Macmillan
- 23- Stage lighting - Bentham, Frederick
- 24- The puppet theatre handbook - Batchelder, Marjorie
- 25- The stage and the school - Ommanney, Katharine Anne
- 26- TV. and film production data book - Pittaro, Ernest M.
- 27- Underwater photography- Hilbert Schenck, Jr.

86
502.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS "PROF. QUEIROZ FILHO"
PRIMEIRO CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA
APLICADA À EDUCAÇÃO

EXERCÍCIO 1

Preparar um roteiro de filmagem baseado na sequência abaixo, ressaltando o conflito entre o que diz o anúncio e a realidade.

"Num bar, possivelmente de um aeroporto, onde se serve cafèzinho no balcão, um letreiro luminoso, que apaga e acende continuamente, informa que o CAFÉ DO BRASIL É O MELHOR DO MUNDO. Um homem se aproxima do balcão para tomar um cafèzinho. Ao bebê-lo verifica que se trata de um café de péssima qualidade. Afasta-se aborrecido deixando a xícara quase cheia."

CH/LEF

57
402

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS "PROF. QUEIROZ FILHO"
PRIMEIRO CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA
APLICADA À EDUCAÇÃO

ROTEIRO DO EXERCÍCIO I

1. MS. INT. Câmara focaliza, de frente, um letreiro luminoso que acen de e apaga continuamente, com os seguintes dizeres "CAFÉ DO BRASIL, O MELHOR DO MUNDO". No lado inferior esquerdo da cena, em primeiro plano, está a máquina de café, fumegante.
2. LS. INT. Do lado direito da cena, na parte superior da parede, o letreiro visto na cena anterior. Desta vez a câmara focaliza o letreiro de lado, não sendo necessário que todo êle apareça. A câmara está do lado de fora do balcão sôbre o qual está a máquina de café que continua a ocupar o canto esquerdo da cena. No primeiro plano, ocupando o lado direito da cena, o garção serve um aperitivo a um freguês que está agasalhado e de chapéu. Entra, pela esquerda, outro homem e vai postar-se junto ao balcão, entre a pessoa que bebe o aperitivo e a máquina de café. Mal êle coloca a ficha sôbre o balcão, esfrega as mãos como a esquentá-las. O outro homem termina de beber o aperitivo e sai pela esquerda. O garção acaba de colocar a garrafa de aperitivo na prateleira e vai para perto da máquina de café.
3. MS. INT. Câmara do lado de dentro do balcão. À direita o garção apanha do esterilizador o pires, a xícara e a colherinha e os coloca em frente ao homem. Êste logo apanha o açucareiro e se serve.
4. MCS. INT. Câmara de frente para o homem que acaba de se servir de açúcar. Sua atenção é voltada para o anúncio que está à sua frente e em plano superior.
5. MS. INT. Letreiro luminoso do ponto de vista do homem.
6. MCS. INT. Como em 4. Homem vira seu rosto agora para a direita.
7. MCS. INT. Sacos ou caixas de café, de um ou dois quilos, em embalagem especial para viagem. Um reclame concita o viajante a

levar de presente aos seus amigos ou queridos de outras terras um daqueles envólucros que contêm o melhor café do mundo.

- 8.CS. INT. Bule sendo cheio de café. Mão direita fecha a torneira da máquina.
- 9.MS. INT. Como em 3. Ao aproximar-se o garçom, trazendo-lhe o café, o homem empurra um pouco a xícara para a frente, como para facilitar o serviço. Garçom serve o café, retira a ficha, e volta para a máquina de café. O homem começa a mexer o café com certa volúpia.
- 10.MCS. INT. Como em 4. Câmara de frente para homem que continua a mexer o café. Termina e coloca a colherinha no pires. Raspando o fundo da xícara na borda do pires, leva a xícara aos lábios e ingere o primeiro gole. Um expressão de desencanto logo se estampa em seu rosto, denunciando não ter gostado do café. Coloca a xícara no pires e olha sério para o anúncio à sua frente.
- 11.MS. INT. Como em 5.
- 12.CS. INT. A xícara de café quase cheia sobre o balcão. O café reflete a luz do letreiro luminoso que continua acendendo e apagando a anunciar sempre o CAFÉ DO BRASIL, O MELHOR DO MUNDO.

CH/LFF

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS "PROF. QUEIROZ FILHO"

PRIMEIRO CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA

APLICADA À EDUCAÇÃO

ROTEIRO DO EXERCÍCIO I

- 1.MS. INT. Câmara focaliza, de frente, um letreiro luminoso que acen
de e apaga continuamente, com os seguintes dizeres "CAFÉ
DO BRASIL, O MELHOR DO MUNDO". No lado inferior esquerdo
da cena, em primeiro plano, está a máquina de café, fume-
gante.

- 2.LS. INT. Do lado direito da cena, na parte superior da parede, o le
treiro visto na cena anterior. Desta vez a câmara focaliza
o letreiro de lado, não sendo necessário que todo êle apa-
reça. A câmara está do lado de fora do balcão sôbre o qual
está a máquina de café que continua a ocupar o canto esquer
do da cena. No primeiro plano, ocupando o lado direito da
cena, o garção serve um aperitivo a um freguês que está a-
gasalhado e de chapéu. Entra, pela esquerda, outro homem -
e vai postar-se junto ao balcão, entre a pessoa que bebe o
aperitivo e a máquina de café. Mal êle coloca a ficha sô-
bre o balcão, esfrega as mãos como a esquentá-las. O outro
homem termina de beber o aperitivo e sai pela esquerda. O
garção acaba de colocar a garrafa de aperitivo na prateleir
ra e vai para perto da máquina de café.

- 3.MS. INT. Câmara do lado de dentro do balcão. À direita o garção a-
panha do esterilizador o pires, a xícara e a colherinha e
os coloca em frente ao homem. Êste logo apanha o açucareiro
e se serve.

- 4.MCS. INT. Câmara de frente para o homem que acaba de se servir de
açúcar. Sua atenção é voltada para o anúncio que está à -
sua frente e em plano superior.

- 5.MS. INT. Letreiro luminoso do ponto de vista do homem.

- 6.MCS. INT. Como em 4. Homem vira seu rosto agora para a direita.

- 7.MCS. INT. Sacos ou caixas de café, de um ou dois quilos, em embala-
gem especial para viagem. Um reclame concita o viajante a

60
fpp.

levar de presente aos seus amigos ou queridos de outras terras um daqueles envólucros que contêm o melhor café do mundo.

- 8.CS.INT. Bule sendo cheio de café. Mão direita fecha a torneira da máquina.
- 9.MS.INT. Como em 3. Ao aproximar-se o garçã, trazendo-lhe o café, o homem empurra um pouco a xícara para a frente, como para facilitar o serviço. Garçã serve o café, retira a ficha, e volta para a máquina de café. O homem começa a mexer o café com certa volúpia.
- 10.MCS.INT. Como em 4. Câmara de frente para homem que continua a mexer o café. Termina e coloca a colherinha no pires. Raspando o fundo da xícara na borda do pires, leva a xícara aos lábios e ingere o primeiro gole. Um expressão de desencanto logo se estampa em seu rosto, denunciando não ter gostado do café. Coloca a xícara no pires e olha sério para o anúncio à sua frente.
- 11.MS.INT. Como em 5.
- 12.CS.INT. A xícara de café quase cheia sôbre o balcão. O café ~~reflete~~ a luz do letreiro luminoso que continua acendendo e apagando a anunciar sempre o CAFÉ DO BRASIL, O MELHOR DO MUNDO.

CH/LFF

61
10/10

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS "PROF. QUEIROZ FILHO"
PRIMEIRO CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA
APLICADA À EDUCAÇÃO

EXERCÍCIO 2

Preparar um roteiro de filmagem baseado na sequência abaixo. Criar a expectativa da fuga do menino.

"Parada militar de 7 de setembro. Multidão se comprime para presenciar a marcha garbosa dos soldados do exército, da marinha e da aeronáutica. Entre os muitos pais e crianças que estão presentes a esta cerimônia popular focalizamos uma senhora de seus trinta anos de idade e seu filho de 7 anos. Após meia hora de parada, a curiosidade do menino acaba e ele está ansioso para ir embora. Ao queixar-se de cansaço, sua mãe o repreende. Não lhe resta outra alternativa senão esperar que tudo aquilo termine. Para sua alegria vê um pequeno cachorro a caminhar entre as pernas do pessoal aglomerado. Ao seu chamado, o cachorro para. Parece, também, aborrecido com a parada. Aceita o convite do menino e se dirige em sua direção. Algumas crianças se assustam com a sua aproximação e ele é rudemente afastado com ameaças de pontapés. Nosso menino de sete anos vê com tristeza o cachorrinho tomar outra direção. Consegue desvencilhar-se de sua mãe e vai atrás dele. O cãozinho, ainda assustado com as ameaças há pouco recebidas, confunde as intenções do menino e não o deixa aproximar-se. A mãe do menino, finalmente, nota sua ausência e sai a sua procura. Marcham os soldados garbosos, foge o cão amedrontado, corre o menino esperançoso, persegue-o a mãe aflita."

CH/F, LF

62
- 100

CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA
APLICADA À EDUCAÇÃO

Chicralla Haidar

I

O interêsse dos educadores pela utilização dos recursos audiovisuais vem aumentando consideravelmente. Professôres de todos os graus de ensino procuram enriquecer suas aulas com a apresentação desses recursos.

Esse crescente interêsse se deve, em grande parte, ao trabalho pioneiro da extinta Campanha Nacional de Educação Rural do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA que, em cooperação com a USAID, treinou vários professôres nos Estados Unidos da América e instalou quatro centos audiovisuais e, posteriormente, ao trabalho realizado pelo Serviço de Recursos Audiovisuais do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo. Desde então, vários milhares de professôres receberam treinamento nesses centros. Hoje, aulas em comunicação audiovisual são ministradas em Universidades, Institutos de Educação e Escolas Normais, aumentando assim o número de professôres que procuram utilizar tais recursos em suas aulas.

II

Cresce, por essa razão, o número de filmes educativos produzidos no Brasil. São filmes sobre saúde pública, educação moral e cívica, cooperativismo, agricultura, política, sociologia, arte e ciência, religião e matéria do currículo escolar, para só mencionar êstes. Sua produção, geralmente, se faz por intermédio de firmas produtoras contratadas pelas entidades patrocinadoras, públicas ou privadas.

Ao contratar os serviços da produtora, o patrocinador deve supervisionar o seu trabalho de maneira a garantir que o filme comunique com eficiência a mensagem desejada. Para êsse fim é indispensável que o patrocinador possa contar com a assistência de um especialista em comunicação cinematográfica para assessorá-lo em tôdas as fases da produção.

Poucas são, infelizmente, as instituições que contam com a colaboração de técnicos em comunicação cinematográfica. Daí a necessidade de se criar um Curso onde profissionais de nível su

63/92

perior, especialmente professôres e técnicos de educação, aprendam a planejar a produção de filmes educativos.

O Curso aqui proposto, limitado a trinta alunos, destina-se a professôres, técnicos de educação, sanitaristas, assistentes sóciais, agrônomos, sociólogos, religiosos e demais profissionais interessados nos problemas de comunicação de massa. Seu objetivo fundamental é oferecer às entidades, públicas e privadas, técnicos cuja colaboração assegure a produção de filmes educativos que atendam fielmente aos objetivos programados pelo patrocinador. Sua duração é de 72 horas, inclusive a projeção de filmes, em aulas noturnas de duas horas em dois dias consecutivos por semana, ou seja, quatro horas semanais. Assim, sua duração total será de 18 semanas.

O CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA À EDUCAÇÃO incluirá visitas a laboratórios de revelação, estúdios de gravação e de filmagem onde os alunos terão a oportunidade de presenciar a realização das diversas fases da produção cinematográfica e de se familiarizarem com todos os seus aspectos profissionais. A parte mais importante do Curso, entretanto, é o estudo e a avaliação de argumentos para filmes. Dezenas de filmes serão projetados e analisados para êsse fim.

O Curso dará aos alunos os conhecimentos teóricos e práticos que os tornarão aptos a:

- 1 - determinar se o filme é o veículo indicado para a mensagem que o patrocinador deseja comunicar ao público;
- 2 - elaborar ou avaliar o argumento proposto para comunicação da mensagem;
- 3 - elaborar ou avaliar o roteiro cinematográfico;
- 4 - orçar as despesas de produção do filme;
- 5 - assessorar a filmagem;
- 6 - escrever o texto da narração do filme ou assessorar o escritor da narração;
- 7 - avaliar a trilha sonora (narração, música e efeitos sonoros) e, se fôr o caso, propor modificações e
- 8 - aprovar a cópia final.

64
10/11

PROGRAMA DO CURSO DE COMUNICAÇÃO
CINEMATOGRAFICA APLICADA À EDUCAÇÃO

I -A TEORIA DA COMUNICAÇÃO

A filosofia da comunicação. Importância do estudo da relação mensagem-público. Os recursos audiovisuais. Exibição de filmes para análise. Fichas de avaliação.

II -FUNDAMENTOS DA CINEMATOGRAFIA

Fenômenos mecânicos e óticos. O som. O projetor. Bitolas usuais de filme e sua utilização. A cabine de projeção.

III-A CÂMARA CINEMATOGRAFICA

A fotografia. Luz, imagem e filme. A Câmara cinematográfica. As lentes. Problemas de iluminação. O cinegrafista. O filme - negativo e a cópia. O laboratório de revelação.

IV -FILMAGEM, MONTAGEM E NARRAÇÃO

Exemplo de roteiro de filmagem. Explicação dos termos mais usuais na filmagem. Prática de leitura de roteiros. O diretor. Noções de montagem. Montagem de uma sequência. Estúdios de filmagem e gravação.

V -REDAÇÃO DE TEXTO

Prática de redação de narração de filmes.

VI -ARGUMENTO E ROTEIRO

Análise crítica e avaliação de argumentos. A elaboração de roteiros. Exibição dos filmes mais representativos no campo do curta metragem. Trabalhos práticos.

F.T.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo, 28 de setembro de 1967.

C. Of. 3363/67 - SRAV -83

Senhor Secretário,

Pela presente encaminhamos a V.S. , a nova relação dos alunos participantes do II CCCAE , divididos em dois grupos - A e B - de acôrdo com o horário de suas aulas.

Não constam da relação os nomes dos alunos eliminados , por já terem atingido o limite máximo de faltas para tódo o Curso (4 faltas). Com essas eliminações e seguindo orientação recebida da Coordenação dos Cursos do INEP , aparecem como alunos regulares tódos os alunos - mesmo os anteriormente registrados como ouvintes e suplentes.

Estamos também enviando duas fichas de inscrição de cada aluno. Pedimos providências no sentido de que uma delas seja enviada ao INEP, no Rio de Janeiro , atendendo assim à solicitação feita pela Coordenadora dos Cursos do Inep , Profa. Alayde Eyer Pimenta da Cunha.

Senão tudo que se nos apresenta no momento , firmamo-nos

Atenciosamente,

Chicralla Haider

Chicralla Haider
Coordenador do II CCCAE

Exma. Sra.
D. Zita P. Kubinszky
Chefe dos Serviços de Secretaria do CRPE "Prof. Queiroz Filho"
São Paulo

Providenciado pelo of. nº 3359/67, de 6-10-67
[Signature]



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

Relação dos alunos do Grupo A - (aulas às segunda-feiras)

- 1-Aurora Vicente Rico
- 2-Chizuo Osava
- 3-Cláudio Furlan Barsotti
- 4-Deoni Bressan
- 5-Dinah Baptista
- 6-Dirce Almeida Costa
- 7-Edgard Silveira Bueno Filho
- 8-Francisco Onofre Matias
- 9-Gentil Vian
- 10-Helena Rocha de Achôa
- 11-Hermínio Domiciano da Encarnação
- 12-Homero Pimentel
- 13-Irmã Maria Daniela
- 14-Irmã Maria Luiza
- 15-Irmã Hilda Rosa
- 16-Irene Duenhas
- 17-Joana D'Arc L. Xavier
- 18-Joaquim Alberto Cardoso de Melo
- 19-José Augusto Dias
- 20-José Carlos Perri
- 21-Lety Molina
- 22-Lilia Elvira Ida Ana Anau
- 23-Lourdes Costa Pires
- 24-Maiza Vicentina Rando Hernandez
- 25-Maria Antonia da Cruz Costa
- 26-Maria Aparecida Leme
- 27-Maria de Lourdes F. W. Martz
- 28-Maria de Lourdes Pires Mariotto
- 29-Marlene Kasman
- 30-Martin Martz
- 31-Nair de Almeida
- 32-Neide de Castro
- 33-Nelson Diniz Ribeiro
- 34-Paulo de Costa Santos
- 35-Rosa Tedeschi V. M. Vieira
- 36-Ruth Sandoval Marcondes
- 37-Sueli Rando Hernandez



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



- 38-Victor Wittacker de Moraes
- 39-Waldyr Agenor Brambilla

Relação dos alunos do Grupo B - (aulas às terças-feiras)

- 1-Amantino Rebelatto
- 2-Ana Maria M.C. Marangoni
- 3-Anastase Potaris
- 4-Antonio G. Caneiro
- 5-Antonio Sacchelli Netto
- 6-Ary R Carvalho
- 7-Assis Levy Bergamaschi
- 8-Carlos Ferraro
- 9-Célia Narciso Gomes
- 10-Claudette Barriguela Junqueira
- 11-Deloá Dilva Schneckenberg
- 12-Diva Beltrão de Medeiros
- 13-Elsa Minorelli de Azevedo
- 14-Geo Arruda
- 15-Gilberto Amalfi
- 16-Heron D'Avila
- 17-José Antonio da Fonseca Borba
- 18-José Gomes Ferreira
- 19-Judith Villares
- 20-Márcia Bizarro
- 21-Maria da Penha A. Pereira
- 22-Nélcia Fernanda Balloni Gomes
- 23-Quintino Gabriel Junqueira
- 24-Rubens Moysés de Azevedo
- 25-Samir Emilio Yamin
- 26-Sérgio Benzini Albertini
- 27-Sérgio G.A. Sgambati
- 28-Thales Salgado Góes

Observação: As fichas dos alunos - Sérgio Benzini Albertini , Sérgio G; A. Sgambati , Deloá Dilva Schneckenberg , Heron D'Avila , Judith - Villares e Thales Salgado Góes não serão enviadas agora , juntamente com as demais , por estarem incompletas. Logo que tôdas fiquem prontas serão encaminhadas.



Relação dos alunos eliminados

Grupo A

- 1-Alexandre Moreira Germano
- 2-Raul Leal de Carvalho Guerreiro
- 3-Samuel Reibscheid
- 4-Rute R. Reibscheid

Grupo B

- 1-Antonio de Araujo Freire
- 2-Cecília Aparecida M. Cunha
- 3-Emílio Camanzi
- 4-Luiz Carlos da Silva Telles
- 5-Néley de Oliveira
- 6-Neusa Gonçalves Lustre
- 7-Otto Celso Domingues
- 8-Pérsio Pôrto Pompeu

Chicralla Haidar

Coordenador do II CCCAE

P 5

São Paulo, 6 de outubro de 1967
Nº 3559/67

Senhora Coordenadora

A pedido do Sr. Prof. Chicralls Haidar, encaminho a V.S.^a as segundas vias de ficha de inscrição dos participantes do II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação.

Conforme V.S.^a poderá verificar, os participantes foram divididos em dois grupos, sendo que o Grupo "A", com 39 participantes, atende às aulas sempre às segundas-feiras e o Grupo "B", com 28 participantes tem aula às terças-feiras.

Junto ao presente cópia do expediente nº 3363/67, assinado pelo Sr. Coordenador de Cursos.

Com a expressão das minhas mais cordiais saudações

Zita P. Kubieszky
Chefe dos Serviços de Secretaria

A Ilma. Sra.
Profa. Alayde Eyer Pimenta da Cunha
DD. Coordenadora dos Cursos do INEP
Rua da Imprensa, 16 - 10º andar
Rio de Janeiro - Gb.

ZK/lr



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo, 2 de outubro de 1967
C. Of. 3466/84 - SRAV -84

Senhor Diretor,

Desejando a Coordenação do II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação apresentar os seus alunos ao Senhor Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho", de São Paulo, vem pela presente convidá-lo a honrar com a sua presença o referido Curso.

Como é do conhecimento de V.S. as duas turmas, que compõem o II CCCAE, se reúnem respectivamente às segundas e terças feiras, das 20 às 22 horas.

A Coordenação do II CCCAE confia na possibilidade de V.S. encontrar o tempo disponível para esta visita que muito nos honrará, e aguarda respeitosamente seu pronunciamento.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. S. os protestos de estima e consideração.

Chicralla Haidar
Coordenador do II CCCAE

Ilmo. Sr.

Prof. J. Querino Ribeiro

DD. Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho" - São Paulo

CH/lff.

II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo, 5 de outubro de 1967
C. Of. 3548/67 - SRAV -86

Senhor Secretário,

Temos a honra de encaminhar a V.S. as últimas fichas de inscrição dos alunos do II CCCAE , completando assim a relação enviada à Secretaria no dia 27 de setembro pp. Chamamos atenção para o fato - de duas das fichas - as dos alunos Sérgio Benzini Albertini e Sérgio G.A. Sgambati - não estarem ainda completas por falta das fotografias. Tão logo os referidos Srs. cumprirem as repetidas promessas de trazer as fotografias , enviá-las-emos à Secretaria.

Atenciosamente,

Léonie da F. Fernandes
Léonie da Fonseca Fernandes
Assistente de Coordenação de II CCCAE

Exma. Sra.

D. Zita P. Kubinszky

Chefe dos Serviços de Secretaria do CRPE "Prof. Queiroz Filho"
São Paulo



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo, 19 de outubro de 1967

C. of. 3699 / 67 -SRAV -92

Senhor Chefe do Setor Pessoal,

Vimos, pela presente, informar que durante o mês de outubro foram realizadas normalmente todas as atividades relativas ao II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação.

Apresentamos, no ensejo, os protestos de estima e consideração.

Léonie da F. Fernandes

Léonie da F. Fernandes

Assistente de Coordenação

do II CCCAE

*Prorrogados
vacas em outubro.
alguns se ma
p. 16. do II CCCAE.*

Exma. Srta.

Maria de Lourdes Moreira Cunha

Chefe do Setor de Pessoal do CRPE "Prof. Queiroz Filho"

II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo, 20 de outubro de 1967.

C. Of. 3710/67

- SRAV -93

Senhor Secretário Executivo,

Vimos, pela presente, solicitar autorização para utilizar o Salão Nobre do CRPE "Prof. Queiroz Filho", para uma projeção cinematográfica para as duas turmas do II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação e bolsistas do IX CERAV.

Sugerimos as noites de 25 ou 27 de outubro, 4^a e 6^a feira próximas, respectivamente.

Aguardaremos seu pronunciamento para os entendimentos finais com o grupo que fará a projeção e para termos tempo suficiente de convidar os alunos para a mesma.

Na oportunidade apresentamos a V.S. os protestos de estima e consideração.


Léonie da F. Fernandes

Assistente de Coordenação do II CCCAI



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



26436

Proc. II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo, 20 de novembro de 1967
C. of. 4145 /67 - SRAV-101

Senhor Chefe do Setor Pessoal,

Vimos, pela presente, informar que durante o mês de novembro de 1967 foram realizadas normalmente tôdas as atividades relativas ao II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação.

Na oportunidade, apresentamos a V.S. os protestos de estima e consideração.

Léonie da F. Fernandes
Léonie da F. Fernandes

Assist. de Coord. do

II CCCAE

*Providenciado
recebido em 22-11-67*

Exma. Srata.

Maria de Lourdes Moreira Cunha

Chefe do Setor Pessoal do CRPE "Prof. Queiroz Filho"

Cidade Universitária

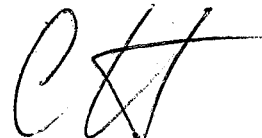
II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCAÇÃO

São Paulo, 11 de dezembro de 1967
C. Of. 468/167 SRAV - 107

Senhor Diretor

A Coordenação do II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação tem a subida honra de convidar V.S. para presidir à Cerimônia de entrega de atestados, a se realizar no dia 13 de dezembro, às 20 horas, no Salão Nobre do CRPE.

Na oportunidade, apresento a V.S. os protestos de estima e consideração.



Chicralla Haidar
Coordenador do II CCCAE

Ilmo. Sr.

Prof. J. Querino Ribeiro

DD. Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho"

São Paulo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA . INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

São Paulo , 27 de novembro de 1967
C. Of. 4383/67 - SRAV -103

Senhor Secretário ,

Encaminho a V.S. o relatório das atividades desenvolvidas -
pelo II CCCAE , no período - 16 de outubro a 15 de novembro de 1967.

Na oportunidade , apresento a V.S. os protestos de estima e
consideração.

Leone da F. Fernandes
Leone da F. Fernandes
Assistente de Coordenação do II CCCAE

20

264

II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCACAO

São Paulo, 11 de dezembro de 1967

C. Of. 4682/67 SRAV 108

Senhor Chefe do Setor de Pessoal

Informamos a V.S. terem sido realizadas, durante o mês de dezembro de 1967, todas as atividades relativas ao II CCCAE.

Atenciosamente

Léonie da F. Fernandes

Léonie da Fonseca Fernandes

Assist. de Coordenação do IIGCCAE

A sta.

Lourdes Moreira da Cunha

Chefe do Setor de Pessoal CRPE

São Paulo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCAÇÃO

São Paulo, 11 de dezembro de 1967
C. Of. 4681/67 SRAV - 107

Senhor Diretor

A Coordenação do II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação tem a subida honra de convidar V.S. para presidir à Cerimônia de entrega de atestados, a se realizar no dia 13 de dezembro, às 20 horas, no Salão Nobre do CRPE.

Na oportunidade, apresento a V.S. os protestos de estima e consideração.

*Comunicação
n.º 13/12/67*

Chicralla Haidar

Coordenador do II CCCAE

*aprovado
14/12/67*

Ilmo. Sr.

Prof. J. Querino Ribeiro

DD. Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho"

São Paulo.

24
90

convite

O Diretor do CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS "PROF. QUEIROZ FILHO" tem a honra de convidar V. Exa. para a Sessão de encerramento dos Cursos, patrocinados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do MEC - 1967.

O Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado dos Negócios da Educação, Prof. Dr. Antonio Barros de Ulhôa Cintra, fará uma conferência sobre TV Educativa.

CURSOS

- . I PREPARAÇÃO DE PESSOAL TÉCNICO PARA ELABORAÇÃO, APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO.
- . II PREPARAÇÃO DE PESSOAL TÉCNICO PARA SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E CADASTRO.
- . IX ESPECIALISTAS EM RECURSOS AUDIOVISUAIS.

14 de dezembro - 1967 - 10 horas - Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" - Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira"SP.

204 25
97
4

I CCCE

São Paulo, 15 de dezembro de 1967
Nº 4827/67

Senhor Diretor

De ordem, tenho a honra de encaminhar a V.Exª, para os devidos fins, o pedido de 37 participantes de II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação, referente à prorrogação, no ano de 1968, do referido Curso.

Reitere, nesta oportunidade a V.Exª os pretestos de minha alta estima e distinta consideração.


Zita P. Kubinszky

Chefe dos Serviços de Secretaria

Ao Exmo. Sr.

Dr. Péricles Madureira de Pinho

DD. Responsável pela Diretoria de INEP

Rua da Imprensa, 16 - 10º andar

Rio de Janeiro - Gb.

ZK/lr

T. 26426
[Signature]

II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCACAO

São Paulo, 18 de dezembro de 1967
C. of. 4846 /67 SRAY - 113

Senhor Diretor

Tenho a honra de encaminhar a V.S., o relatório final do II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCACAO no período de 21 de agosto a 13 de dezembro de 1967.

Faço saber a V.S. que uma das cópias desse relatório deverá ser enviada à Dna. Alayde Eyer Pimenta Cunha, Coordenadora dos Cursos do INEP, no Rio de Janeiro.

Na oportunidade, apresento os protestos de estima e consideração.

Chicralla Haidar
Coordenador do II CCCAE.

Ilmo. Sr.
Prof. J. Querino Ribeiro
DD. Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho"
São Paulo.

II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

R E L A T Ó R I O F I N A L

Realizou-se, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho" de São Paulo, nas instalações do Serviço de Recursos - Audio Visuais, o II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação, no período de 21 de agosto a 13 de dezembro de 1967, com um total de 36 horas-aula (18 aulas semanais) para cada uma das duas turmas que, nesse semestre, compuseram o Curso.

As aulas cobriram os seguintes tópicos: A Comunicação. A Comunicação Cinematográfica. O cinema como indústria. O cinema como técnica. O cinema como arte. O cinema educativo. Roteiro cinematográfico: como escrevê-lo. Exercícios práticos de escrita de roteiro. Argumento cinematográfico: como escrevê-lo. Exercícios práticos de escrita de argumento. Diferenças entre o roteiro cinematográfico e o argumento cinematográfico. Exemplos de roteiros e de argumentos. Comentários em classe, sobre os exercícios feitos pelos alunos. Noções de Cinematografia - as câmaras cinematográficas - as lentes - o filme - a filmagem - a montagem do copião e do negativo - sonorização e cópia final. O laboratório de revelação e cópia. Problemas relacionados com a produção cinematográfica e soluções baseadas na prática.

Os alunos visitaram o Laboratório Líder de revelação e cópia de filmes e tiveram durante a visita amplas explicações sobre o funcionamento do mesmo.

Foram exibidos e comentados em classe os seguintes filmes: "Piro-lite, o valentão"; "O colar do mergulhão"; "Chamada para o almoço"; "Unique contribution"; "Escola dos nossos dias"; "Puede ser aftosa"; "Técnicas básicas para a aplicação de Injeções intramusculares"; "Luz é onda"; "City of gold"; "Time out of war"; "The river"; e alguns filmes produzidos por alunos do Curso anterior, o I CCCAE: "Fábula", um filme de 8mm. premiado num concurso de filmes amadores; "Brasil-tipoexportação", um filme de 16 mm.

Durante o Curso pretendeu-se dar aos alunos uma visão objetiva de que seja a linguagem cinematográfica e seus elementos fundamentais. O objetivo do Curso, que era -familiarizar o professor com a arte e a técnica da produção cinematográfica com a intenção de ensinar-lhe a expressar-se e a comunicar-se por meio do filme cinematográfico - foi, parece-nos, plenamente atingido.

28
98
2

O interêsse de vários alunos já os levou a buscar condições para a produção de filmes , havendo já contatos promissores para futuras produções.

Ao ensejo da entrega dos atestados de conclusão do II CCGAE, realizada sob a presidência do Diretor do CRPE de São Paulo, Prof. José Querino Ribeiro , chegou-nos às mãos um abaixo assinado , cujo teor poderá ser examinado na cópia em anexo.

Anexos também serão encontradas cópias de tôdas as apostilas distribuídas no Curso e cópias dos exercícios passados aos alunos, bem como - lista de aproveitamento e de porcentagem de frequência dos mesmos.

**PORCENTAGEM DE FREQUÊNCIA E APROVEITAMENTO DOS ALUNOS
DO GRUPO A (segundas feiras)**

| | | |
|--------------------------------------|-----------|-----------|
| 1- Aurora Vicente Rico | 100% | Muito Bom |
| 2- Chizuo Osava | Eliminado | |
| 3- Cláudio Furlan Barsotti | 100% | Muito Bom |
| 4- Deoni Bressan | 100% | Muito Bom |
| 5- Dinah Baptista | 100% | Muito Bom |
| 6- Dirce Almeida Costa | 100% | Muito Bom |
| 7- Edgard Silveira Bueno Filho | 80% | Bom |
| 8- Francisco Onofre Matias | 80% | Regular |
| 9- Gentil Vian | 100% | Bom |
| 10- Helena Rocha de Achôa | 100% | Muito Bom |
| 11- Hermínio Domiciano da Encarnação | 100% | Regular |
| 12- Homero Pimentel | 80% | Muito Bom |
| 13- Irmã Maria Daniela | 90% | Bom |
| 14- Irmã Maria Luiza | 90% | Bom |
| 15- Irmã Hilda Rosa | 90% | Muito Bom |
| 16- Irene Duenhas | 90% | Bom |
| 17- Joana D'Arc L. Xavier | 100% | Muito Bom |
| 18- Joaquim Alberto Cardoso de Melo | 80% | Bom |
| 19- José Augusto Dias | Eliminado | |
| 20- José Carlos Perri | 90% | Muito Bom |
| 21- Lety Molina | 100% | Muito Bom |
| 22- Lilia Elvira Ida Ana Anau | 90% | Muito Bom |
| 23- Lourdes Costa Pires | 90% | Muito Bom |
| 24- Maiza Vicentina Rando Hernandez | 90% | Muito Bom |
| 25- Maria Antonia da Cruz Costa | 80% | Bom |
| 26- Maria Aparecida Leme | 100% | Muito Bom |
| 27- Maria de Lourdes F.W. Martz | 90% | Bom |
| 28- Maria de Lourdes Pires Mariotto | 90% | Bom |
| 29- Marlene Kasman | 100% | Bom |
| 30- Martin Martz | 90% | Muito Bom |
| 31- Nair de Almeida | 90% | Bom |
| 32- Neide de Castro | 80% | Muito Bom |
| 33- Nelson Diniz Ribeiro | 90% | Muito Bom |

| | | |
|--------------------------------|-----------|-----------|
| 34- Paulo da Costa Santos | Eliminado | |
| 35- Rosa Tedeschi V. M. Vieira | 80% | Bom |
| 36- Ruth Sandoval Marcondes | 80% | Muito Bom |
| 37- Sueli Rando Hernandez | 80% | Bom |
| 38- Victor Wittacker de Moraes | 80% | Regular |
| 39- Waldyr Agenor Brambilla | 90% | Bom |

PORCENTAGEM DE FREQUÊNCIA E APROVEITAMENTO DOS ALUNOS
DO GRUPO B (terças feiras)

| | | |
|-------------------------------------|-----------|-----------|
| 1- Amantina Rebelatto | 100% | Muito Bom |
| 2- Ana Maria M.C. Marangoni | Eliminado | |
| 3- Anastase Potaris | 100% | Muito Bom |
| 4- Antonio Caneiro | 80% | Regular |
| 5- Antonio Sacchelli Netto | 100% | Muito Bom |
| 6- Ary R. Carvalho | 90% | Muito Bom |
| 7- Assis Levy Bergamaschi | 100% | Muito Bom |
| 8- Célia Narciso Gomes | 100% | Muito Bom |
| 9- Carlos Ferraro | 100% | Bom |
| 10- Claudette Barriguella Junqueira | Eliminada | |
| 11- Deloá Dilva Schneckenberg | 100% | Bom |
| 12- Diva Beltrão de Medeiros | Eliminada | |
| 13- Elsa Minorelli de Azevedo | Eliminada | |
| 14- Geo Arruda | 80% | Bom |
| 15- Gilberto Amalfi | 80% | Bom |
| 16- Heron D'Avila | 100% | Bom |
| 17- José Antonio da Fonseca Borba | 100% | Bom |
| 18- José Gomes Ferreira | 100% | Bom |
| 19- Judith Villares | 80% | Regular |
| 20- Márcia Bizarro | Eliminada | |
| 21- Maria da Penha A. Pereira | Eliminada | |
| 22- Néleia Fernanda Balloni Gomes | Eliminada | |
| 23- Quintino Gabriel Junqueira | Eliminado | |
| 24- Rubens Moysés de Azevedo | Eliminado | |
| 25- Samir Emilio Yamin | Eliminado | |
| 26- Sérgio Benzini Albertini | 80% | Muito Bom |
| 27- Sérgio G. A. Sgambati | Eliminado | |
| 28- Thales Salgado Góes | 100% | Muito Bom |

Observação: Os alunos eliminados o foram por faltas excessivas às aulas.

264 31/12/67

São Paulo, 18 de dezembro de 1967
Nº 4853/67

Senhora Coordenadora

De ordem, tenho o prazer de encaminhar a V.Sª cópia de relatório do II Curso de Comunicação Cinematográfica, Aplicada à Educação, que se realizou de 21 de agosto a 13 de dezembro de 1967 — neste Centro.

Sem mais, apresento a V.Sª os protestos de minha distinta consideração.

Zita P. Kubinszky

Chefe dos Serviços de Secretaria

A Ilma. Sra.
Da. Alayde Eyer Pineta da Cunha
DB. Coordenadora dos Cursos do INEP
Rua da Imprensa, 16 - 10º andar
Rio de Janeiro - Gb.

ZK/lr



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



São Paulo, 5 de julho de 1967
Nº 2129/67.

Assunto: **II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCAÇÃO**

Senhor Redator Chefe:

Pelo presente encaminho a V.Sª, a respeito do assunto em epígrafa, material para divulgação.

Na esperança de que a notícia anexa, de interêsse para Educação, merecerá sua atenção, solicito a V.Sª a fineza de mandar publicá-la por êsse prestigioso órgão na edição de 6 / 7 / 67 e preferivelmente na edição de 9/7/67 (domingo próximo).

Atenciosamente

Zita P. Kubinszky
Chefe dos Serviços de Secretaria

Ao Sr. Redator Chefe de
"O ESTADO DE SÃO PAULO"
Rua Major Quedinho 28
e mais:

Jornal da Tarde
"Fôlhas de São Paulo"
"Diário de São Paulo"
"A Gazeta"
"Imprensa Oficial do Estado"
Canal 4 - Edição Extra
Jornal Falado Tupi
Reporter Esso - Canal 7



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho", através do Serviço de Recursos Audiovisuais, fará realizar, a partir de 14 de agosto próximo, o II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação, destinado a Professores, Técnicos de Educação, Assistentes Sociais, Sanitaristas, Publicitários, Profissionais de Cinema e TV e demais profissionais interessados em problemas de Comunicação à massa.

O Curso patrocinado pelo INEP, será dirigido pelo prof. Chiera Lla Maider, Técnico de Cinema do MEC e terá a duração de 18 semanas. Tem por objetivo dar aos alunos os conhecimentos que lhes permitam redigir argumentos e roteiros cinematográficos de filmes educativos e assessorar a produção de tais filmes. Os alunos que concluírem o Curso estarão capacitados a assegurar a produção de filmes educativos que atendam fielmente aos objetivos programados pelo Patrocinador.

As aulas serão ministradas no Serviço de Recursos Audiovisuais do Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho", na cidade Universitária, às 2as. e 3as. feiras, das 20 às 22 horas.

INSCRIÇÕES: poderão ser feitas na Secretaria do BRAV, a partir desta data, com a profa. Léonie da F. Fernandes, das 8 às 18:30 horas, até o fim do corrente mês, devendo o candidato apresentar comprovante de qualificação profissional e 2 fotografias - 3x4.



Rio de Janeiro, 7 de 7 de 1967

Ilm^o. Sr. Prof.

J. Querino Ribeiro
M. D. Diretor do C.B.P.E. de São Paulo
Cidade Universitária - Caixa Postal
São Paulo - SP

A 663

Sr. Diretor:

Apraz-me acusar o recebimento do ofício nº 1860/67, de 14 de junho do corrente ano, acompanhado do de nº 1809/67, do Prof. Chicralla Haidar.

Verifiquei, com a coordenação dos Cursos, ter sido o Ministro da Educação Moniz de Aragão o autor da sugestão para que o curso de cinema fôsse realizado em S. Paulo e na Guanabara. Posteriormente êsse Centro enviou, também, um orçamento para os mesmos, prevendo a realização dos Cursos nas duas capitais.

Em vista, porém, das ponderações do Prof. Chicralla deixo o assunto para ser resolvido por V.S^a. que estudará as possibilidades da realização do II Curso de Comunicação Cinematográfica nêsse Centro da mesma maneira como foi o primeiro.

Há, no orçamento, uma disponibilidade de NCr\$.... 5.120,00 (cinco mil cento e vinte cruzeiros novos) para êsse Curso. Solicito, outrossim, seja enviada a prestação de contas do 1^o Curso bem como relatório circunstanciado do Coordenador, contendo dados sôbre seu desenvolvimento e resultados.

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe cordiais saudações.

Carlos Correa Mascaro
Diretor do INEP

CC/AC/MR

11) Ver crença do Sr. Moreira do qual já autorizei verbalmente o curso neste CRPE.

2º) A contabilidade p/ o que couber

N.P. 10/7/67

[Handwritten signature]

| | |
|----------------------------------|-----------|
| C.R.P.E. "Prof. Gu... - S. Paulo | |
| Nº PROTO CLO | DATA |
| 2189/67 | 10/7/67 |
| PROGRESSO | T. 264/67 |

Ciente.

S.P. 12/7/1967

Clara da Fátima

Condutora do C.C.C.A.E.

De ordem

ao Sr. Chefe da Contabilidade

13/7/67

[Handwritten signature]

S. Diretor

Ciente. Quanto ao ultimo paragrafo adverte que a Prestação de contas esta sendo elaborada e a despesa total do 1º CCC foi de R\$ 2.000,00. Chamo portanto um Saldo de R\$ 3.000,00. Sugiro que se opine o S.M.P. solicitando autorização para usar esse Saldo nas primeiras despesas do 2º CCC.

Claro, 17/7/67

Agrade-se a oportunidade para cometer -

N.P. 21/7/67

[Handwritten signature]

II CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA A EDUCACAO

São Paulo, 18 de agosto de 1967
C. Of. /67 BRAV - 61

Senhor Diretor

Solicito de V.S. se digne autorizar o Setor de Contabilidade a efetuar o pagamento das gratificações do Coordenador e do - Assistente de Coordenação do II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação, respectivamente Prof. Chicralla Haidar e Profa. - Leonie da Fonseca Fernandes, referentes ao mês de julho.

Aproveito o ensejo para apresentar a V.S. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.



Chicralla Haidar
Coordenador do II CCAE

Ilmo. Sr.
Prof. J. Querino Ribeiro
DD. Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho"
São Paulo.



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho", através do Serviço de Recursos Audiovisuais, fará realizar, a partir de 14 de agosto próximo, o II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação, destinado a Professores, Técnicos de Educação, Assistentes Sociais, Sanitaristas, Publicitários, Profissionais de Cinema e TV e demais profissionais interessados em problemas de Comunicação à massa

O Curso patrocinado pelo INEP, será dirigido pelo prof. Chicra Ila Maidar, Técnico de Cinema do MEC e terá a duração de 18 semanas. Tem por objetivo dar aos alunos os conhecimentos que lhes permitam redigir argumentos e roteiros cinematográficos de filmes educativos e assessorar a produção de tais filmes. Os alunos que concluírem o Curso estarão capacitados a assegurar a produção de filmes educativos que atendam fielmente aos objetivos programados pelo Patrocinador.

As aulas serão ministradas no Serviço de Recursos Audiovisuais do Centro Regional de Pesquisas Educacionais "Prof. Queiroz Filho", na cidade Universitária, às 2as. e 3as. feiras, das 20 às 22 horas.

INSCRIÇÕES: poderão ser feitas na Secretaria do SRAV, a partir desta data, com a profa. Léonie da F. Fernandes, das 8 às 18:30 horas, até o fim do corrente mês, devendo o candidato apresentar comprovante de qualificação profissional e 2 fotografias - 3x4.

São Paulo, ^{5,} 4 de setembro de 1967.
C. Of. 3049/67 -SRAV - 70.

Senhor Diretor ,

Tenho a honra de encaminhar a V. S. , o relatório das atividades desenvolvidas no II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação no período - 16 de julho de 1967 a 15 de agosto de 1967.

Na oportunidade , apresento a V. S. os protestos de estima e consideração.

Léoni de F. Fernandes
Chicralla Haider

Coordenador do II CCCAE

Ilmo. Sr.

Prof. J. Querino Ribeiro

DD. Diretor do CRPE "Prof. Queiroz Filho" de São Paulo

CH/III.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - INEP
CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
"PROF. QUEIROZ FILHO"



CURSO DE COMUNICAÇÃO CINEMATOGRAFICA APLICADA À EDUCAÇÃO

São Paulo, ²² 21 de agosto de 1967
C.Of. 2839/67 - SRAV - 62

Senhor Chefe do Setor Pessoal,

Informamos que , durante o mês de agosto , o Coordenador e a Assis-
tente de Coordenação do I e do II Curso de Comunicação Cinematogrã-
fica Aplicada à Educação desenvolveram as seguintes atividades:pre-
paro e entrega dos atestados de conclusão aos alunos do I CCCAE, re-
cebimento de inscrições para o II CCCAE, seleção dos alunos para o
Curso, divulgação pela imprensa dos candidatos aprovados e as pri-
meiras aulas do II CCCAE.

Atenciosamente,

Chicralla Haidar

Coordenador dos CCCAE

Exma. Srta. Maria de Lourdes Moreira Cunha

Chefe do Setor Pessoal do CRPE "Prof. Queiroz Filho" de São Paulo

Cópia 7.264/67

SERVIÇO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS

São Paulo, 12 de setembro de 1967

SRAV - 73

Prezado Professor

Em resposta a carta de V.S. queremos informar o II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação, com material impresso ou publicações para distribuição.

Estamos anexando uma norma das atividades de Serviço de Recursos Audiovisuais, esperando que V.S. possa procurar-nos quando necessário.

Atenciosamente,

E.M. Toledo
Relações Públicas do SRAV

Ilmo. Sr.
Ademar Zério
Santa Bárbara do Oeste
C. Postal - 194
São Paulo.



II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação

*A' bonatábi eade
nem atender deute
das norma regulares
M 21/9/67*

São Paulo, 21 de setembro de 1967.

C. Of. 3249 /67 - SRAV -74.

Senhor Chefe do Setor Pessoal,

Informamos ~~terem sido desenvolvidas~~ normalmente tôdas as atividades rela-
tivas ao II Curso de Comunicação Cinematográfica Aplicada à Educação , du-
rante o mês de setembro de 1967.

Informamos , outrossim , que no dia 21 de agosto de 1967 , o Prof. Hélio -
Italo Serafino proferiu , como conferencista convidado , a aula inaugural
do II CCCAE. Da mesma forma , e também na qualidade de conferencista convi-
dado , o Prof. Nélio Parra ministrou aulas sôbre Comunicação e Comunicação
Cinematográfica nos dias 22 , 28 e 29 de agosto e no dia 4 de setembro.

Pedimos providências no sentido do pagamento dessas horas-aula , abaixo re-
lacionadas:

| | | |
|----------------------------|-----------------|----------------|
| Prof. Hélio Italo Serafino | (.2.horas-aula) |Nº 30,00 |
| Prof. Nélio Parra | (.8.horas-aula) |Nº 120,00 |

Sendo tudo que se nos apresenta na oportunidade , firmamo-nos ,

Atenciosamente,

Chicralla Haidar

Chicralla Haidar

Coordenador do II CCCAE

Exma. Srta. Maria de Lourdes Moreira Cunha
Chefe do Setor Pessoal do CRPE "Prof. Queiroz Filho" de São Paulo
Cidade Universitária

CH/lff.